

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1º DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Um dos amaveis leitores dos *Annaes* reparou, com phrases rebuçadas de azedúme, que o auctor destas chronicas houvesse assacado á briosa guarda nacional, o epitheto de *praga da Republica*, e deduziu, com eloquencia, a defeza theorica dessa instituição.

Em resposta aos melindres do censor, diremos que conhecemos, sufficientemente, a historia dessa milicia; sabemos o que foi a antiga guarda nacional de verdade e a actual guarda nacional de pilheria, a guarda nacional desmoralizada desde os ultimos annos do Imperio, quando a politica empreheudeu, desassombradamente, aquillo que nós, republicanos prehistoricos, denominámos, ironicamente, a coronelisação.

Quando fomos surprehendidos com a invasão do territorio nacional pela flôr das tropas de Solano Lopez, não tinhamos exercito preparado para essa campanha. O governo appellou para o voluntariado, que correspondeu, brilhantemente, mas não em quantidade bastante para repellir o que se chamou então, exhuberantemente, em prósa e verso, inspirados pelas vibrações frenéticas da alma nacional, affronta aos brios da patria.

Mas, o entusiasmo arrefeceu depressa, ao verificar-se que a guerra era uma coisa séria, num paiz barbaro, desconhecido, governado por um déspota fiel aos humanitarios môdelos do santo doutor Francia, um paiz considerado, naquelle tempo, um Japão, que a companhia de Jesus fechára aos perigosos contactos da civilisação.

As valentes legiões de voluntarios do norte se iam bater em clima estranho, num meio inteiramente advérso aos seus habitos, ao seu temperamento; e, após ás primeiras e dolorosas impressões de campanha, mandaram

contar aos parentes e aos amigos, a somma de heroismo despendida para cumprirem, stoicamente, o penoso dever de soldado, numa campanha, em que tudo se improvisou do pé para a mão, sob a atordoadora influencia da violenta surpresa.

Em consequencia, amorteceu o entusiasmo; muitos voluntarios arranjaram, por empenhos politicos, voltarem aos lares, e o governo teve de recorrer ao recrutamento forçadissimo, sob o disfárce da famosa *designação*, feita cruelmente, sendo quintadas ás fileiras da guarda nacional, fileiras de homens de carne e osso, inscriptos nos grandes *livros-mestres*, forrados de couro, encantoados de bronze, que eram o terror dos matutos e tabaréos.

Quem debúlha, agóra, os factos desta velha historia, viu *designados*, voluntarios de páu e córda, arrancados da lavoura, das campinas povoadas de rebanhos úberes, marcharem amarrados, algemados, pelas ruas de cidades do interior para a cadeia, transformada em antecamara dos quartéis, onde se preparavam, apréssadamente, as levas de mobilisação militar.

Todos se recordam, como da mais dolorosa vergonha que jámais vergastou os brios de um povo, que o governo se encontrou na dura contingencia de mandar para os banhados, para os estéros do Paraguay, transformados em voluntarios, pretos alforriados e galés do presidio de Fernando de Noronha, nos quaes a clemencia imperial trocára a grilhêta pela grana-deira.

Os voluntarios por impulso patriotico e os voluntarios da guarda nacional se bateram, denodadamente, e venceram, desapercibidos para a lucta, um adversario valente até ao fanatismo e preparado de longa data. As suas victorias passaram, legitimamente, para as paginas de ouro da historia, illuminadas pelo éstro dos poetas e dos oradores, aos quaes forneceram inexgotavel assumpto.

Convém recordar que, naquelle tempo, não havia militarismo; os soldados não pretendiam intervir na direcção da politica e tão horrenda era, no interior do Brazil, a profissão das armas que, quando um pae carrança desejava chamar á ordem um filho rebelde, o ameaçava de *pôr-lhe uma farda nas costas*. De resto, o exercito era, para o povo em geral, uma classe para a qual se entrava pela porta do recrutamento, confiado, como terrivel instrumento politico, aos manda-chuvas dos sertões.

A guerra do Paraguay teve, como consequencia, a restauração dos creditos do exercito, aureolado de gloria: o povo percebeu, então, que elle não servia, sómente, para prender criminosos, executar outros serviços banaes, subordinado ao chicóte dos archaicos artigos de guerra do cruel conde de Lippe; verificou que era uma nobilissima corporação de cidadãos armados, que tinham direitos, prerogativas especiaes, além do muito que lhes outorgou a pródiga e legitima gratidão nacional.

Os reiúnos promovidos por actos de bravura e os voluntarios educados, saídos da nata social, das escolas superiores, influíram, poderosamente, para a nobilitação das fileiras, onde muitos permaneceram, depois da guerra, augmentando, com a educação technica a pleiade de officiaes, bravos e illustrados, que fôram os geradores da intervenção militar na politica, funcção que lhes não poderia ser contestada como salvadores da honra nacional.

Mas, a guarda nacional não teve a mesma sorte. Magnifico instrumento de occasião, o governo a desprezou por inutil, uma vez que ia emprehen-der a reorganisação definitiva do exercito por meio da conscripção, obrigando todos os cidadãos ao serviço das armas.

Resquicios de preconceitos, de terror ao exercito, provocaram, em algu-

mas provincias, reacções sangrentas. Os executores da lei se amedrontaram, e o Imperador, muito medroso de revoluções, deixou que ella se conservasse, como muitas outras, pomposa lettra morta.

Desde então, a guarda nacional passou a ser uma ficção, um exercito de papel sem soldados, um exercito de officiaes, cujas patentes eram concedidas como recompensa a serviços electoraes, corrupção malsinada pelos republicanos e transformada, na Republica, em verdadeira praga, sob o vergonhoso pretexto de fazer da concessão de patentes a Deus e ao mundo, uma opima fonte de renda federal.

Conta o inolvidavel Ferreira de Araujo, nas suas *Coisas Politicas*, que os tabaréos se escondiam no matto com medo ás dragonas, no tempo da coronelisação nefasta; hoje, elles as apetezem, ardentemente, como um adorno, como um symbolo de consideração, de importancia, de mando, ou de prepotencia.

E, por isso, alastrou a prága, prodigiosamente desenvolvida e corruptora, penetrando os logarejos dos mais invios sertões, onde, de uma centena de habitantes, se organisam batalhões, brigadas das trez armas, cörpos de infantaria sem carabinas, regimentos de cavallaria sem cavallos, regimentos de artilharia de posição e de campanha sem canhões, legiões phantasticas, sem registros de alistamento, dos quaes são conhecidos, apenas, pelo arame arrecadado das patentes, os garbosos officiaes de bobage.

Seria curioso e pittoresco, seria de um ridiculo desopilante verificar, nos registros do governo, o numero de batalhões e brigadas, e a quanto montam as legiões de officiaes, que illustram, quasi diariamente, as paginas do *Diario Official*. Verificar-se-iam sommas incalculavis de agaloados, excedendo, absurdamente, ao numero de brazileiros mercedores dessa honra pela simples razão de saberem ler e escrever.

Ha poucos dias, o Bréjo da Madre Deus, logarejo pernambucano, que nós conhecemos com a justa reputação de valhacouto de assassinos, de ladrões de cavallo, foi agraciado com mais uma brigada.

* * *

O nosso amavel censor nos relevará, certamente, de julgarmos as coisas

como ellas são, inspirado pela verdade historica e pelos evidentes factos contemporaneos. Nós não podemos julgar a guarda nacional por essa ficticia organisação de soldados de chumbo, arranjados ou recrutados, nos momentos psychologicos, pelo invicto orador general Leite de Castro: ella foi e continúa a ser, em maior escála, um meio de corrupção com a simples utilidade, muito corriqueira, de dar aos seus officiaes delinquentes ou revolucionarios, o privilegio de repousarem no estado-maior da brigada policial, em vez de darem com o costado, como qualquer outro cidadão desagaloado, nos cubiculos da casa de Detenção.

E, como a nossa justiça de republicano não variou com a mudança de instituições, nós, que profligámos, durante o Imperio, o vergonhoso tráfico da guarda nacional, como arma corruptora nas unhas da politicagem, não podemos, ante o espantoso desenvolvimento que lhe deu a Republica, deixar de consideral-a uma verdadeira praga.

Não é, sómente, nisso—valha a verdade—que nós, republicanos, arremedamos, para peor, os vêzos dos ominosos tempos.

POJUCAN

O EREMITA

(DE UMA CHRONICA MEDIEVAL)

No fundo de triste valle dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia, que deixára as abominações do seculo pela soledade do deserto. Não passava toda a sua fortuna de uma caverna aberta na rocha, abrigo commum com outras bestas féras, e de uma escudella onde aparava a agua do céu.

De todas as partes onde chegava a fama de sua piedade, (e ia muitas leguas em redor o fulgor de sua corôa) acorriam homens e mulheres a vêr o pobre frade, o santo, exausto, de pelle rugosa, marulhando sobre aquella alma agitada de extasi. Posto não fôsse feio nem repugnante, era certo que não se lhe viam os olhos, nem os ouvidos, de tão encobertos pela greinha devota e suja, despenhada pelos hombros abaixo. De compleição, era magro e comprido; as mãos, tinha-as elle bem feitas e tantas como as unhas. E fugia dos homens menos para forrar-se á admiração delles do que para evitar damnosos contactos dos que

sóiam trazer nas véstes a poeira das cousas decompostas e mundanas.

Dias inteiros, passava-os Ambrosio (era esse o nome do eremita) todo absôrto e alheiado, fóra de si e, pudéra dizer-se, fóra de todas as cousas, tamanho lhe era o desprendimento dos sentidos; e daquella contemplação só se interrompia para mascar folhas apanhadas a esmo por desalterar a fome e a sêde.

Uma noite, voltando da floresta, rasgado dos tojos, sangrento e humilde, encontrou a caverna occupada de um lóbo, e pois que era bom hospede, deixando a besta em paz, logo saíu: e foi ao pé de um arbusto, despiu-se, dependurou o habito a um ramo e estendeu-se nú sobre a rélva fria e congelada.

E adormeceu. E no espaço, o habito dependurado, irregular e confuso suspenso sobre o corpo cadaverico do eremita, parecia um abutre prestes a abater-se sobre a carniça.

E assim, vejetava esse Vaso Insigne, pleno de todas as virtudes; torturas e fadigas, tudo tramava e entretencia nelle a grinalda do martyrio. A sua gloria mesma de perfeição mais lhe aggravava a delicia de sóffer e merecer. Mas, porque nem até a virtude escapa á abominação do peccado e nem ha vaso sagrado a que no fundo não se lhe apéguem algumas fézes, estava reservado a Ambrosio o deixar-se vencer pela cillada demoniaca do orgulho.

Foi o caso que passando uma vez pela estrada alguns mercadores, homens de duro trato, que corriam várias feiras do mundo, o eremita, de longe apercebendo-os, esgueirou-se para dentro de uma moita cerrada e occultou-se o mais que pode; mas não tanto o fez que não pudesse ouvir as fallas dos viandantes.

— «Certo—fallava um delles, esperando a mula com o chicote—Ambrosio é talvez um santo, mas não vale o nosso santo preboste de Aquiléa...o maior santo da christandade»...

E as vózes e os viandantes perderam-se ao longe.

Aquellas palavras caíram como dardos sobre as carnes do eremita. Orgulho humanal e triste! eis o que valia a sua penitencia inutil deante daquelle novo Espelho! não passava de um peccador sem freio na obstinação de todos os horrores, e já se avaliava um santo e já se julgava glorificado! E acabrunhado e abatido pelo peso de suas dedicações inefficazes, quasi indecorosas deante da incomparavel corôa desse santo preboste, pôz-se o velho eremita a uivar lugubremente as suas culpas á face do céu, e, cheio de cóleras, porque ha cóleras santas e divinas, galgou uma ladeira proxima e deixou-se rolar abaixo pelo pedregulho, gritando pela morte, desdenhando

todas as misericórdias, pedindo lépra e piólhos... lépra e piólhos...

No outro dia, levou a considerar quanto lhe faltava ainda para chegar áquelle esplendor perfeitissimo do santo preboste de Aquiléa; pois era de razão que posto Deus se achasse de conselho prompto em toda a parte, todavia mais elle fulgurava nos exemplos que escolhia neste do mundo. E agóra mais benigno e humilhado, pensou que devia ir ter ao preboste e pedir-lhe o caminho da verdade e da beatitude.

— Aqui, dizia comsigo, aqui não é o aprisco das ovelhas sagradas, porque, que muito é a ovelha perfeitissima onde não ha lóbos que a devam?

E tomou resolutu um pouco de hervas, fez de uma vara bastão, e partiu.

* *

A caminho de Aquiléa, foi Santo Ambrosio pensando em como havia de fazer, ao avistar o preboste: estender mãos súplices, pedir-lhe para matar a fome o cascão terroso dos sapatos; e se o preboste não houvésse sapatos? lambem-lhe as sólas dos pés. Repartiria com elle a sua pouca herva dos Abruzzos. Não. Não repartiria cousa alguma. E atirou as hervas fóra, pensando, com gula, na doçura deliciosa da poeira dos sapatos desejados.

Pelo caminho, viu Ambrosio tristemente a sua fama a diminuir, diminuir até que se extinguiu deante da do preboste, que brilhava violenta como um incendio. Num certo albégue, tomaram-no por um mercador de Ravenna; isso acordou o orgulho do pobre frade e pôz-lhe a maldição dentro d'alma. Nessa noite, rejeitou a dormida sobre feno espalhagado na terra, onde o luar lento e tremulo parecia-lhe um abâno luminoso a enxotar-lhe as moscas da podridão execranda; e saiu e procurou uma mácea de porcos e deitou-se na sujudade e adormeceu. E para dar maiores provações ao seu corpo, aguilhoado de fome velha e atrazada, revolveu-se na immundicie, clamando em prantina desenvolta:

— Senhor! eu não sou digno!

* *

Dias e noites tristissimas escoaram-se para o santo peregrino. Valles asperos, caminhos difíceis, torrentes rugidoras, elle as atravessou resolutu, ainda que se mais perigos houvéra mais o exaltava a ancia de correl-os a risco de tudo. Em toda a jornada, sentia-se já o esplendor do preboste, invadindo como um cheiro celeste as seáras em flôr; as aves parece que cantavam os seus louvores; e o clarão inexoravel daquella vida lançava pelas terras dentro uma faixa luminosa, branca,

longuissima, como um rastro de ladaíña mystica.

Num momento, á beira da estrada, (encanto indizível!) viu o pobre eremita alguns aldeões que se atiravam de ventre á terra, murmurando: — o santo preboste! o santo preboste! — e, logo, uma cavalgata, levantando poeira, rapida e troante passou como tempestade.

A Ambrosio, então, quasi lhe veio a cólera aos labios. — Pois era este o preboste piedoso? era esse que ia com um séquito luxuoso, em cavalloz ajazados de prata e de testeiras de ouro e as capas rubras adejantes?! Santo!! esse peccador abominavel de apreguada santidade!? Mas, logo Ambrosio aplacou a cólera e emendou-se, contricto, porque, ás vezes, as apparencias illudem e « as ovelhas só são perfeitas onde ha lóbos que as devórem. »

Entrando em Aquiléa, procurou o eremita a casa do preboste — que era um palacio maravilhoso a projectar-se no ar sereno da noite, com as janellas amplas, abertas, incendiadas de luz. Entrou; e foi logo empurrado para uma grande sala que a vastidão de uma mesa opípara enchia com exquisitos manjares, faisões, cristaes cantantes na joalheria dos refléxos, amphoras esgalgadas e serenas, derramando capitosos odóres. Atordoado e varado de fome de dezoito dias de abstinencia desde a mácea dos porcos, Ambrosio sentiu-se desfallecer entre a algazarra dos convivas vorázes, e quando deu fé de si, comia (horror e tristeza!) comia uma perna de porco assado e já havia esvasiado um copo da bôa uva, abominavel e immunda.

O santo preboste chegou, então, indifferente, abstracto, e tomou o logar vago de um lacaio. E Ambrosio notou naquelle homem a piedade santa e infinita dos seus olhos sem vista, encoados, e viu-lhe a face escaveirada e pallida, a bôcca immovel, quasi feita de pedra, serena e incomparavel. Viu-o, com espanto, (e era de costume) reprimir a gula, rejeitar os pratos, nem sequer aspirar o vinho, e apenas apanhar da toalha uns restos de pão já mordido e escuro. E o eremita lembrou-se instinctivamente de que não ha perfeição de ovelha longe da voracidade dos lóbos; e o preboste avultou aos seus olhos, por sabê-lo rico e a sua riqueza era dos pobres, por saber-o esposo da mais bella mulher d'Aquiléa e guardar a castidade, por vê-lo num banquete perenne, do qual era elle o cão sem fome, sob a mesa, esperando a migalha despresada.

Mas, em breve, soou o estrupído da cavalgata em aprestos á porta, e o preboste, tomando o capacete, saiu pela noite fóra com o seu séquito.

* *

Pouco depois, ao penetrar no apo-

sento que lhe fóra designado, e era o quarto do santo preboste, sentiu Ambrosio subir-lhe ao pescoço a cólera quasi a despejar-se em náusea. Na remissão de precóces enthusiasmos, via bem claro, agóra, que não podia ser certamente santo o homem que mantinha mulher e leito branco, fófo e largo como aquelle, ninho abominavel de femea a julgar pelas minúcias imponderaveis do cheiro e da volúpia que andava no ambiente. Jazia para tráz do leito uma cuba d'agua tranquillá, para os effeitos sacrilegos do aceio.

Volúpia! volúpia!

Aquiétou-se emfim; despiu o habito e deitou-se. A lamparina, eternamente moribunda, vacillava compondo sombras que iam e vinham pelas paredes, subiam ao tecto, desciam e desappareciam. Lá dentro, na sala, vózes tambem compunham-se, e logo se desfaziám; parecia que aquella parte se desarticulára da casa e ia fugindo, porque as vózes e os rumores fóram pouco e pouco morrendo, morrendo, e extinguíram-se.

Afinal, caíra tudo em silencio absoluto. E foi-se-lhe estreitando então o circuito das idéas confusas, e Ambrosio pôz a catalogar os seus peccados nitidos, a perna de porco assado, o copo de vinho que lhe assolava os humores, os juizos temerarios e crimiñosos... e ia já a cerrar os olhos quando, de subito, uma porta se abre, e entra pelo quarto um grande rumor branco. Era a mulher do preboste.

O santo eremita encolheu-se todo na cama e estirou as mãos pelo côrpo, a ver se estava composto. Mas, a mulher nem sequer o olhou — encaminhou-se a um canto do aposento em frente á lampada, sempre moribunda, e foi desatando os vestidos: como de uma rósa em violencia de vento, fóram-lhe as roupas voando em sussúrro, e afinal a camisa contra a luz, empôlada sob os braços, luminosa e quente como um balão, voou pelo alto, invertida e difficil, deixando a trepidar os seios rijos e nús.

E o eremita viu-a, ave pernalta e branca, bambolear-se em vôo, ir chegando, passar-se para cima do leito, aconchegar-se ao pobre homem, metter-lhe ao pescoço os braços em escapulario, e dobrando o joelho travejar-lhe o corpo magro com a perna forte e macissa. Naquelle contacto, tenebroso e terrível, sentia o misero frade a profusão inenarravel das serpentes curvas, de peçonhas invenciveis. E ao attrito dos seios, que respiravam, o pobre eremita começou a perceber, longinqua, a harmonia das espheras, indo e vindo em rythmo divino, lentas, redondas, formidaveis e, todavia, mansas como ladaínhas. E pôz-se a louvar e a cantar a Virgem Castissima, a Virgem Amantissima, o Refugio, a Consolação dos Afflictos, e, de novo, a Arca da Alliança, amantissima, aman-

tissima, trez vezes amantissima... e num momento, de dentro da barba hirsúta, cerrada e suja, aquella sua bôcca, outr'ora afundada, sem palavra, saíu fóra, proeminiu, voráz e bivalve, para colher a perola do beijo sacrosanto.

Mas, logo que foi percebida a bestialidade do eremita, a casta esposa do preboste empurrou-o para longe e de tal arte e com tamanha indignação, que o mesquinho frade foi cair com estrondo dentro da cuba d'agua regelada. E Ambrosio, molhado a escorrer, a tiritar de frio e desengano, levantou-se e atirou-se de novo ao leito; corria-lhe por baixo um rio d'agua como a lavar-lhe as virtudes, e desta vez a perna de porco, o vinho cáldo, e o juizo temerario contra aquella cuba, vaso não de crear volúpias damnosas, mas de aplacar furores sacrilegos, tudo subiu-lhe á cabeça confusa. Sentiu o pobre eremita as veias cursarem-lhe o corpo e accender-se-lhe dentro uma fogueira. A febre declarou-se intensa e indomavel, e nem mais ouvia nem via cousa alguma certa. Parecia-lhe, entretanto, ver melhor que ouvir. Via o leito estirar-se uma légua, e depois encolher-se, e elle ia tambem se encolhendo e diminuindo ao ponto de ter os pés collados no queixo, juntos á bôcca; via, depois, o leito afundar-se, descendo, descendo... e o seu habito, solto nos arés, tomava o feitio estranho de tesouras cavalgando uma ovelha, toda ovelha, mas ao pé de um lóbo. De repente, o leito ia subindo, subindo, subindo e *zas!* emborcava para baixo, e lá ia elle tombando a cair com os lenções, com a mulher do preboste, ora por baixo, ora por cima, caíndo mas sem nunca cair porque não topavam em nada. Depois, mudava-se o theatro, e via-se a si mesmo nos Abruzzos, numa montanha de pedra com um Joelho em terra, e as mãos quanto podia estendidas, estiradas em imprecação ao céo, e logo as mãos se colhiam para baixo correndo o ventre, a afundar-se na ignominia...

Afinal, as idéas e as emoções confusas, aéreas, altas, caíram de chôfre, como pancada de chuva, jorraram grossas, e fôram-se. E aplacou-se tudo, e veio a tranquillidade absoluta.

Santo Ambrosio expirava.

JOÃO RIBEIRO

SCIENCIA E INDUSTRIA

A ORIGEM DOS LEVÊDOS

Um levêdo ou fermento é uma especie de microbio que, collocado em certos meios, ahí realisa o estranho trabalho da fermentação. A sciencia distingue um grande numero de levêdos, reunidos sob a denominação geral de *saccharomyces*, que, muito

conhecidos, como o da cerveja, ou familiares sómente aos sábios, são agentes de muitas producções necessarias ao homem,—a fabricação da cerveja, a fermentação do vinho e dos alcools, o trabalho do pão, a fabricação do vinagre, a transformação dos amídos em assucar, a preparação do acido lactico, do pyrogallol, dos acidos gallico e butyrico, empregados pela industria, pela medicina, pela photographia, etc.

A origem desses levêdos está ainda envôlta nas brumas do mystério.

«O. cervejeiro — diz Duclaux — que deseja fermentar uma cuba, serve-se, ordinariamente, da semente de levêdo, tirada dos residuos de uma operação anterior. Todas as fermentações de uma cervejaria, bem dirigida, são filhas umas das outras, desde tempo immemorial. O cervejeiro que deixa estragar-se ou perder-se o seu levêdo, pede-o a uma cervejaria vizinha... De sorte que as cellulas, utilizadas hoje pela industria, provêem, em descendencia directa, das primeiras cervejarias estabelecidas no mundo, e remontam, pelo menos, ao mais antigo periodo da historia dos egypcios.» Além desse remoto passado, nada sabemos. E como aconteceu com o levêdo da cerveja, em particular, se repetiu com todos os levêdos. Até agóra, os biologistas tiveram de considerar os levêdos ou *saccharomyces*, como uma familia de organismos independentes, sem poder ligal-os a nenhuma outra familia botanica. Essa lacúna, unica na sciencia, captivára, havia muito tempo, a curiosidade dos sábios. Pensando, sobretudo, nas consequencias praticas do problema, fica explicado o ardor em lhe encontrar a solução.

Pelo facto de ignorarmos a origem dos levêdos, não podemos encontral-os ou produzil-os á vontade. E, por isso, todos os cuidados dos industriaes, que preparam vinagre e outros productos acima indicados, convergem para protegerem os seus levêdos contra as molestias occurrentes, e conserval-os o mais intactos possivel. Si elles se estragam, é indispensavel intervir, purificar o fermento, remoçal-o, e, muita vez, compral-o ao industrial vizinho, purificando e renovando o material infectado. Percebem-se as despezas consideraveis, as ruinas rapidas e faceis que aquelle facto desastroso pôde ocasionar aos interessados.

Conhecer a origem dos levêdos, saber onde encontral-os sempre novos e puros, produzir, á vontade, um fermento que esteja no seu maximo de fôrça e pureza, tal é o objecto dos esforços inveterados de investigadores em França, na Suissa, na Allemanha, paiz da cervêja, na Dinamarca, onde se fundou o laboratorio de Carlsberg, especialmente para esses estudos.

Desde Gay-Lussac e Cagniard-La-

tour, esse problema occupou os mestres mais auctorizados, como Frémy, Liebig, Boutroux, De Barry, Jørgensen, Hansen, Klocker, Schionning e outros.

Pasteur, apaixonado pela questão, emittiu, por sua vez, uma hypóthese, de que o grande sabio francez, o dr. Odím, parece ter feito uma realidade.

Não podemos descrever, minuciosamente, os processos do dr. Odím. De resto, o que sobretudo interéssa são as conclusões das suas investigações, assim resumidas:

1º Todo o levêdo provém de um cogumêlo;

2º Um levêdo determinado provém de um cogumêlo determinado.

Desde então, conhecemos a origem, a certidão de baptismo de cada levêdo. E, quando tivérmos necessidade de tal ou qual especie, poderemos produzil-a á vontade, fal-a-emos nascer do seu antepassado, que conhecemos, e obteremos, sempre que quizérmos, um fermento, absolutamente novo, jovem, puro, resistente, são, desaparecendo, assim, os dispendiosos trabalhos de purificação, de remoçamento, de verificação dos levêdos doentes; desaparecerão os cuidados constantes impostos pela vigilancia e protecção dos preciosos fermentos: têl-os-emos sempre novos, com todas as suas qualidades nativas.

* * *

A SÓJA COMO FORRAGEM

Muito se tem escripto sobre a sója. A maravilhosa riqueza dos grãos dessa leguminosa, em substancias azotadas e gordas, serviu de preconicio para que se aconselhasse a sua cultura. No dizer dos seus defensores, os usos a que se prestava eram innumerados: comiam-se os grãos cosidos, como ervilhas; reduzidos á farinha, com esta fabricava-se um excellentê pão; servia para fabricar-se um queijo muito apreciado pelos japonezes e tão nutritivo como o de leite de vacca. Seja, porém, que o paladar indigena não estivesse afinado pelo dos japonezes; seja por falta de conhecimento dos processos culinarios que deviam de ser empregados, o certo é que a ninguem parece ter agradado o famoso grão, que os cultivadores não conseguiram collocar no mercado. Sabemos mesmo de um colono de Pouso Alegre, Minas, que obteve magnifica colheita, que não pôde vender. Tal resultado devia ter desanimado o colono, que não continuou a cultivar a sója. Outros entusiastas certamente seguiram o seu exemplo.

Em vista de taes factos, não viriamos tratar dessa planta, si não tivéssemos em mira objectivo completamente diverso: seu emprego como forragem.

As forragens que crescem expontaneamente em nosso sólo e que servem

quasi exclusivamente á alimentação do gado (como o capim gordurá) são bastante pobres em materias azotadas, de sorte que sempre é de utilidade o conhecimento de uma planta forrageira, rica em proteína, isto é, em substancia azotada.

Além de que, o uso da sója, como forragem, não é recente e acha-se muito generalizado em paizes onde o systema de criação é dos mais aperfeiçoados, como nos Estados Unidos, onde, no Rhode-Island, se emprega na alimentação das vaccas de leite, quer a forragem verde, quer o feno, que com ella se prepara. Para tal mistér, o seu emprego, unido ao do milho, condúz a excellentes resultados.

As analyses mais interessantes da sója, considerada como forragem, são as do sr. Lechartier, que analysou as hastes, as folhas e as vagens da planta, cortada antes da maturação.

Na analyse de uma forragem, ha interesse em conhecer-se principalmente: 1º, as materias azotadas que constituem a *proteína*; 2º, as materias graxas; 3º, as materias hydro-carbonadas, que são o amido, o assucar, etc.; 4º, a cellulóse, que tambem constitúe uma parte alimentar.

Referida a essas trez classes, a analyse da sója verde dá o seguinte :

COMPOSIÇÃO DA FORRAGEM VERDE
NO ESTADO NATURAL

	Hastes	Folhas	Vagens
Agua.....	72,47 %	73,33 %	75,86 %
Proteína.....	1,31 %	2,84 %	4,78 %
Materia graxas..	0,29 %	1,04 %	1,65 %
Hydro-carbonadas	13,62 %	14,81 %	10,92 %
Cellulóse.....	11,10 %	4,79 %	5,44 %

Esta analyse indica que a riqueza em proteína e em substancias graxas váe crescendo das hastes para as folhas, e destas para as vagens; ha vantagem em cortar a forragem quando os grãos começam a se formar.

A composição da planta inteira, que é a mais interessante para a applicação que estamos fazendo, é a seguinte :

Agua.....	73,98 %
Proteína.....	3,12 %
Materias graxas.....	1,06 %
Hydro-carbonadas.....	13,12 %
Cellulóse.....	6,62 %

A relação nutritiva de uma tal forragem, determinada de accôrdo com Sanson, é a relação da proteína para o sal formado pelas materias graxas e hydro-carbonadas, isto é:

$$3,12 : 14,18 \\ \text{ou } 1 : 4,5$$

Isto quer dizer que a forragem tem 4,5 de materias graxas e hydro-carbonadas para 1 de proteína. Essa relação é perfeitamente conveniente ao regimen das vaccas de leite, o que não acontece ás relações das forragens, que de ordinario se empregam entre nós, e cujo theor em proteína é muito pequeno em relação ás materias graxas e hydro-carbonadas.

Julgamos, pois, aconselhavel a plantação da sója, para servir de forragem verde nos logares onde o clima fôr propicio ao seu crescimento.

Devemos accrescentar que sua cultura não empobrece a terra em relação ao azoto, porque sendo ella uma leguminosa, tem a propriedade de utilizar-se do azoto do ar.

Como, porém, as nossas terras são geralmente pobres de acido phosphorico, e as leguminosas só se desenvolvem bem em terrenos ricos desse elemento, é conveniente adubar-se o terreno com a escória Thomaz.

Desse modo, obter-se-ão boas colheitas de uma forragem que em nada é inferior á alfafa.

ARTHUR GUIMARÃES.



O ALMIRANTE (20)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XII

— Meu Deus ! Como estás tu mudado, Oscar ! — exclamou a marquez, estreitando-o num amplexo frenetico e demorado, como se quizesse confundir no mesmo pulsar os dois corações.

— A poeira dos mares e a poeira dos céos me crestaram a face e os cabellos — respondeu Oscar, sorrindo com ampla dilatação dos labios corados, mostrando os dentes alvos, muito eguaes e bem separados — mas o coração é o mesmo, a rebenstar de saudades. Não houve um dia, um instante, em que me abandonasse a lembrança do nosso Rio de Janeiro, da minha querida Guilhina, do conselheiro, das meninas.

Parece que de longe queremos com mais ardor; redobram de intensidade os affectos. Eu me sentia isolado na multidão de estranhos, de indifferentes. Não era meu aquelle céo, não brilhavam para mim aquellas constellações de fulgor esmorecido, sem as pompas das estrellas do nosso hemispherio. Nenhuma mão amiga; nenhum olhar compassivo, nem sombra de caricia me consolavam, na perigrinação através de paizes e de povos; tudo frio, impassivel, mechanico, convencional, sem a vibração do contacto das almas amigas. A minha vida ficára aqui, eu era um corpo triste a rolar em vólta do mundo, a encalhar aqui e acolá... Meu consôlo fôram aquellas cartas massantes...

— Que eu lia e relia na soffreguidão de estar contigo pelo pensamento.

— e um trabalho, um livro, um diario de viagem, com as notas e observações de *touriste* e marinheiro.

— Escreveste um livro?

— Que intitulei: *Em redor da Terra*.

— Dêves offerecê-lo á Princeza.

— Quasi acertou Guilhina; mas offereci-o ao Imperador.

— Fizeste mal. Não sabias, certamente, como isto anda por cá. O Imperador já é uma reliquia querida. A politica váe soffrer profunda alteração e não será surpresa apparecer, da noite para o dia, o acto. Sim o acto da abdicação.

— E' possível?

— E o terceiro reinado de Isabel, a Redemptora. Eis porque dêves offerecer a ella o livro. Demais, o Imperador está doente, e ha pouca esperança de recobrar a preciosa saúde para dirigir os negocios do Estado. Tu sempre fôste avêso á politica e estou vendo que te não causam móssa estas noticias. Ha intrigas na Côrte, e fórma-se, á surdina, um partido em favor do principe d. Pedro, partido da usurpação, que combateremos em todos os terrenos. Para evitar uma conflagração no caso de morte do nosso amado monarcha, deliberou-se a abdicação. Tenho estado afastada das rodas officiaes desde a morte do teu padrinho; mas, o conselheiro, que vive no paço, conta tudo á mulher, como sabes, minha melhor amiga. Os adversarios da abdicação não hesitam em lançar mão de todos os meios para impedil-a: chegam ao extremo de accusar a Princeza de beata, de varredora de egrejas, como se a piedade não fôsse o mais refulgente diadema da alma de um rei! Dizem que ella entregará o governo aos padres; allegam outros que seremos governados pelo marido, um principe estrangeiro... E tudo isso tramado em silencio, hypocritamente por homens que tudo devem áquella santa creatura. Felizmente, o ministerio está connosco e tem bastante influencia no animo do Imperador e bastante popularidade para impedir tamanho desastre.

Os convidados para a recepção de Oscar se haviam retirado depois do banquete, e os dois conversavam na antecamara da marquez, naquelle ninho de elegancia e confôrto, onde ella passava as angustiosas e longas noites de vigilia, assaltada de pensamentos tristes, martyrisada pelos seus nervos e embevecida na melancolia da saudade do passado doloroso.

A espaços, ella fitava, absôrta, os grandes olhos desmaiados no rosto de Oscar, como se duvidasse da realidade, de tê-lo a seu lado, ao alcance de seus braços carinhosos, de seus beijos maternaes. E repetia, num suspiro:

— Meu filho, meu Oscar. Nunca mais nos separaremos. Nunca mais... A tua ausencia me affligiu tanto que fiquei doente. Não vês os meus cabellos brancos, meus labios como flôres fanadas, meu rosto descarnado e pallido?.. Agóra, sinto-me outra, contigo voltam-me a saúde, a esperança, a vida...

Oscar sorria; mas, algo notára de es-

tranho no semblante, nas maneiras da marqueza, as expansões affectuosas de envôlta com as preocupações politicas e uma agitação destôante com a meiguice serena, os requintes da graça de formosa mulher, que elle deixára empenhada no realce da carreira politica do marido.

—Murmura-se — disse-lhe ella, continuando as informações politicas — que ha sério descontentamento nos quartéis. O chefe de Policia, que esteve aqui um dia desses, disse-me, a respeito, em meias palavras assustadoras, que estavamos em vespéras das maiores surpresas, de lamentaveis acontecimentos...

— Não creio — affirmou Oscar, em tom de convicção inabalavel — O espirito revolucionario foi suffocado, definitivamente, em 1848. E que se diz da marinha? Estarão os meus collegas mettidos, tambem, na politica?

— Fala-se no Wandenkolk. que não é amigo do ministro da marinha, que ficou impopular com o rigor exercido contra o Custodio, por uma ninharia, a conta de representação no Chile. Não valia a pena de fazer tanto barulho uma insignificante quantia. O ministro devêra ponderar que, estando a bordo um príncipe, neto do Imperador, regatear aquella despeza era uma catturice impraticavel. Foi má politica... provocar o escandalo que andou pelos jornaes.

— Excellente politica para um republicano como o ministro da marinha...

— Pois elle, o Ladario?...

— Não sabia?

— E' possível?!

— E' verdade. E' republicano e fiel ao Imperador, porque entrou para o ministerio que se empenha em cohibir os excessos das paixões republicanas, e não as idéas...

— E', talvez, do partido dos republicanos para quando o Imperador morrer.

— Não ha duvida que é um excellentissimo marinheiro e um homem de bem.

— Mas, não serve para a politica, principalmente quando está imminente uma crise de alta importancia para os destinos do paiz...

— Guilhinha, você nasceu para chefe de partido... para a politica.

— Infelizmente. Se ao menos tu tivesses fibra de estadista. para aproveitar o prestigio, os elementos politicos do teu padrinho!

— Porque me fez militar?

— Para reunir em ti a fôrça e a intelligencia, a coragem e o talento. A carreira militar não é incompativel com a politica: ali tens Caxias, Inhamã, Osorio e outros, para não falar nos antigos generaes, que realçaram os seus dotes em commissões administrativas. Dévo, entretanto, confessar que nunca te supponho capaz de te apaixonares pela tua profissão, de te absorveres, tão completamente, em estudos aridos,

positivos que, na minha opinião, extenuam o espirito, encerram a alma num apertado ambiente de verdades cruéis, sem adorno, sem poesia, como num laboratorio cheio de apparatus, de livros velhos, com grandes paginas cobertas de calculos, indecifráveis como hyeroglyphos. A minha professora no convento, que era uma santa e uma sábia, dizia-me que as mathematicas eram a sciencia dos espiritos acanhados. Quando penso num sabio, vêm-me á memoria, o dr. Fausto...

— Prova de que a sciencia não anestesía o coração...

— Mas, é preciso o milagre: a volta á mocidade por obra de Satanaz. E isto hoje já não surge do seu antro infernal para tentar os homens, nem revelar aos corações desfibrados a visão do amor. Tu és prova do que digo. Tens quarenta annos, e não te percebi a mais ligeira inclinação por uma das muitas moças bonitas e elegantes da nossa roda, que é a mais brilhante e selecta da Côrte. Quantas vezes, no meio dellas, vejo com tristeza que estás longe, absôrto não sei por que idéas e pensamentos, com essa grande ruga precôce que te sulca a fronte. E penso que envelheceste antes do tempo...

Oscar escutava, encantado, as palavras da marqueza, cuja voz musical o arrebatava, carinhosa e meiga, como devêra ser a da mãe, que elle não conhecêra. Experimenta a impressão suave e triste de ser comprehendido, de ser o seu coração devassado pelo instincto feminino, que presentira a máguia indefinida em que se engolfára á força de se dedicar, exclusivamente, á sua profissão, aos deveres rigidos de soldado, privado do consolo das illusões, dos confortos da phantasia, que são a poesia da vida.

— Isso que parece tristeza — disse elle — é resultado da nostalgia. Passará dentro de poucos dias, á influencia benéfica dos ares da patria e d'agua carioca. Não lhe disse que meu coração ficará aqui? Pois bem, reconquistei-o; não o deixarei mais e verá que a transformação será rapida e a cura completa. Estou plenamente satisfeito com o sacrificio que tenho feito, para ser digno da minha classe; mas penso que é tempo de descansar, nesta calmaria obrigatoria de marinheiro d'agua doce uma marinha que não tem o que fazer, senão a fachina de navios fundeados, desde que o governo não nos incumba de nos apparelharmos do muito que não temos, estudar a nossa carta, os nossos rios. afim de prestarmos o nosso concurso á civilização do nosso paiz. Descansarei se o seu terceiro reinado não nos viér perturbar.

— Não fales ironicamente, Oscar. Eu não sou visionaria; deduzo do presente e vejo longe no futuro.

— E. . . nessa perspectiva, não occorreu a hypothese da republica?

— A republica! . . .

A marqueza ergueu-se, saccudida por um impulso poderoso, como se todos os musculos do corpo alquebrado tivessem readquerido, repentinamente, a primitiva energia, em crispações de terror. A suggestão das palavras de Oscar havia despertado suspeitas, que ella procurava asphyxiar sob os fundamentos dos planos optimistas de não estabelecer soluções de continuidade entre o segundo e o terceiro reinado, mantendo, pela abdicação, o prestigio do Imperador para amparar os primeiros passos do reinado da filha. Falava-se, é verdade, na eventualidade de redundar o mal estar das classes conservadoras num movimento republicano; ella, porém, conhecia, por experiencia propria, que os mais descontentes ou aquelles que tinham razão de queixa, eram incapazes do minimo sacrificio. Demais, os planos financeiros do governo influiriam para destoldar os horizontes e desfazer os ephemeros indícios de procélla. As classes militares... essas ficariam satisfeitas com uma modificação do ministerio. A paz e estabilidade das instituições valiam bem o sacrificio de dois ou trez correligionarios.

— A republica? — repetiu ella, fitando em Oscar, os grandes olhos rutilantes de terror — Nunca! Seria a desgraça desta terra.

E acalmado com esforço, tomou das mãos de Oscar, envolvendo-o num meigo olhar de incomparavel ternura.

— Não me fales mais nisto, que me irrita os nervos. E' tarde. Váe dormir. Amanhã, depois, conversaremos: não me sacio de te ouvir. Olha, se por absurdo, por desgraça, a hydra revolucionaria erguer a cabeça, contamos com a lealdade dos soldados, a tua lealdade, Oscar, a tua espada.

Oscar sorriu, abraçou-a, e partiu para o seu castello encantado.

Acompanhando-lhe o vulto esbelto, a deslizar em silencio pela sombra densa dos renques de jaqueira, a marqueza ficou á janella, atormentada pela idéa de um levante democratico, o phantasma dos seus sonhos, surgindo de escombros enfumado pelo fogo de incendios, agitando o facho da anarchia e deixando um rastilho de sangue na sua marcha sinistra. A republica seria o terror, o monstro demagogico, tripudiando sobre victimas inermes, sobre coisas sagradas; seria a Communa destruindo a ferro e fogo, um sopro de loucura transformando homens em feras, abolindo o senso moral, e entregando a propriedade, a honra, os direitos, as instituições á raiva de paixões desenfreiadas. E da escuridão das massas socegadas do arvorêdo, adormecido ao tépido arfar da noite placida, ella via surgirem cohórtes de espectros hediondos, sangrentos em bandos macabros, envôltos em densas névoas de

fumaça, e se erguerem ao céu limpido e sereno, empanando o brilho das estrellas, tremulas de medo, como aves de rapina a esvoaçarem, em graciosas espiraes, sobre montões de cadaveres. Vinha-lhe, ao mesmo tempo, o sussúro longinquo de uma melopéa lubrica, em que gargalhadas diabolicas se misturavam aos gemidos das victimas e aos accórdes de um hymno sinistro, entoado pela plébe vencedora, na embriaguez da victoria.

Para afugentar a visão terrivel, ella voltou o rosto, deformado de repugnancia, e fechou a janella com estrepito.

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

A UMA SENHORA

A QUEM DERAM UM PE-
DAÇO DE SITIM AMARELLO

Se derivaes da verdade
Esta palavra *sitim*,
Achareis sem falsidade
Que após o *si* tem o *tim*,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis ;
Mas por que não falle em vão,
Sabei que esta Nação
Tanto que o *si* concedeis
O *tim* logo está na mão.

E quem da fama se arreda,
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da sêda
Seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado
Qual a raxa e outros assi,
Dura, aqueita, e é calado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim* nem brocado.

Mas estes que sêdas são
Com quem se enganam mil damas,
Mais vos tomam do que dão ;
Promettem, mas não darão
Senão nódoas para as famas.
E, se não me quereis crêr,
Ou tomaes outro caminho,
Por exemplo o podeis vêr,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum visinho.

Oh feminina simpleza,
D'onde estão culpas a pares,
Que por um Dom de nobreza
Deixam dons de natureza
Mais altos e singulares !
Um dom que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Fallo como exp'riamentado :
Que *sitim* d'esta feição
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarello ;
E quem assim o quiz dar,
Só para me Deus vingar
Se vem á mão, amarêl-o*,
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas
(Isto bem pôde não ser)
Dá a meninas formosas
Sómente por as fazer.

Quem vos isto diz, senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fóra ;
E pôde ser que inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E, posto que desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor ;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

CAMÕES

* Amal-o-eis

* *

O Céu

O mais antigo prégador que houve no mundo foi o Céu. Supposto que o Céu é prégador, deve de ter sermões e deve de ter palavras. Sim, tem, diz o mesmo David; tem palavras e tem sermões, e muito mais tem ouvidos. E quaes são estes sermões, e estas palavras do Céu? As palavras são as estrellas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso d'ellas. Vêde, como diz o estylo de prégador do Céu com o estylo que Christo ensinou na terra! Um e outro é semear, a terra semeada de trigo, o Céu semeado de estrellas. O prégador ha de ser como quem semêa e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, como as estrellas. Todas as estrellas estão por sua ordem, mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o Céu em xadrez de estrellas, como os prégadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se d'uma parte está branco, da outra ha de estar negro; se d'uma parte está dia, da outra ha de estar noite; se d'uma parte descer luz, d'outra ha de descer sombra; se d'uma parte dizem desceu, d'outra hão de dizer subiu. Basta, que não havemos de ver n'um sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar em fronteira com o seu contrario? Apprendamos do Céu o estylo da disposição, e tambem o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim ha de ser o estylo da prégação, muito distincto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estylo baixo; as estrellas são muito distinctas e muito claras e altissimas. O estylo pôde ser muito claro e muito alto; tão claro, que entendam os que não sabem; e tão alto, que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrel-

las para a lavoura, e o mercante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mercante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrellas, e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nellas ha. Tal pôde ser o sermão: estrellas que todos as vêem, e muito poucos as medem.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

* *

OS PADRES NO BRAZIL

Sabe-se que a França comprehendeu, não já sem tempo, que um elemento máu conspirava contra a ordem de cousas que conseguiu libertal-a da divida e dos estragos da guerra com o militarismo absorvente do sr. de Bismarck. Esse elemento máu leval-a-ia de novo aos regimens corruptores que provocaram tal guerra desastrosa, e acabariam por destruir a republica que se tem impôsto á admiração de toda a Europa monarchica, pelo criterio e patriotismo com que tem reconstruido o paiz.

Sem hesitar, com a serenidade e a segurança que dá a consciencia da acção bôa, o governo francez foi ao padre, e partiu-lhe as armas que elle trazia escondidas sob a batina.

Não confundamos os termos da questão: ha padre e padre. Ha o padre inoffensivo, que exerce o seu officio como exerciria qualquer outro, e que é ainda necessario para umas certas formalidades que não passaram de todo da moda: ha o padre util, que é o amigo dos fracos que o rodeiam, que tem palavras de consolação e conforto para uns tantos espiritos, que, não tendo a fôrça, abrigam-se á crença; mas, ha tambem o padre — homem politico, o pamphletario do pulpito, o propagandista do confissionario, soldado do Syllabus, irmão pedinte do dinheiro de S. Pedro, para quem todos os meios são bons, comtanto que se dê a Deus — ao Deus delles — não só o que é de Deus, mas tambem o que é de Cesar.

Foi a esse padre que a republica franceza, sem inquirir se praticava uma violencia ou uma arbitrariedade, porque estava certa de que praticava o bem, convidou, o mais polidamente que pôde, a que fôsse fazer politica fóra das fronteiras de França.

Nos archivos dos tribunaes francezes, figuram centenas e centenas de processos em que ficou provado que muitos desses padres, além do mal que faziam ao paiz com a sua politica, eram uns individuos simplesmente despreziveis, de uma moralidade negativa, cujos actos clamavam por uma nova edição do castigo do céo que incendiou Sodoma.

Pois bem: o nosso governo sabe disto; o nosso governo sabe que esses padres procuram sempre immiscuir-se na direcção dos paizes que habitam; o nosso governo sabe que esses padres têm, como principal campo de acção, o collegio.

Pergunte quem quizer ao governo, se conhece os padres que ultimamente têm chegado ao Brazil; se indagou se são os seus proprios nomes os que estão nos passaportes com que entram, se é que elles trouxeram passaportes. Todos esses padres pertencem a congregações; quando mudam de paiz, quando mudam de cidade num mesmo paiz, e até quando mudam de estabelecimento em uma mesma cidade, mudam tambem de nome. Esse systema é tambem seguido pelas irmãs de caridade, filiadas, como elles, a congregações.

Pois esses padres e essas irmãs chegam aqui e são dispensados de provas de capacidade professional, e vão ensinar; ninguem inquire se são dos que fôram expulsos porque faziam politica, ou dos que fugiram ás condemnações em que incorreram por pratica de actos immoraes; trazem o salvo-conducto da satâina, têm entrada livre.

E' talvez, a essa gente que váe ser entregue a educação da infancia desamparada. E' que são uns grandes educadores; um delles inventou um arithmometro muito engenhoso; ha alguns, infelizmente, que são homens de intelligencia superior, e, portanto, muito mais perigosos; têm asylos de instrucção professional; fundar-se-ão com elles asylos agricolas, estabelecimentos de educação industrial, tudo, emfim, que possa fazer de um menino desamparado um sujeito capaz de ganhar a sua vida, e de ficar preso pela gratidão e pelo terror supersticioso ao padre que o educou.

Contra tudo isto, terão de lutar as novas sociedades. A de immigração terá de lutar com o padre, porque onde o padre domina, não ha colono possivel: ha, quando muito, possibilidade de utilisar o braço-machina do chim.

Aqui, na Côrte, o padre não médra. Em regra, o padre brasileiro não é fanatico; a igreja é frequentada nos dias de festa, por uns, porque o divertimento é barato; por outros, porque fazem figura nas irmandades. O confissionario não está bem nos nossos habitos; só o padre estrangeiro, notavelmente o capuchinho, o impõe aos seus devótos. Nós, que vivemos presos á igreja pelo registro de nascimento e de casamento, se não somos um povo de incrédulos, tambem estamos longe de ser um povo de beatos.

Fôra da Côrte, porém, o caso é diverso; e os asylos, ainda que sejam edificados em plena rua do Ouvidor, o que não é natural que aconteça, ficarão tão isolados do mundo como se estivessem em Matto-Grosso.

Um bello dia, quando a gente menos o pensar, sairão de lá, — a encontrar-se com as cohórtes de Itú e com as que educam em Santa Rosa os Salesianos, e com as de colonos arregimentados pelos franciscanos que se estabeleceram em Petropolis, e com as discipulas das irmãs de caridade, — os discipulos dos expulsos e condemnados da França, repletos da sciencia contra a qual a principio se insurgiu o padre, mas que depois adoptou como uma arma, sciencia que é luzeiro para que os que a cultivam por amor della mesma, sciencia que é um facho incendiario para os que della se servem como meio de realisar uma politica.

Dous exemplos formidaveis offerece hoje o mundo do que pôde a sciencia applicada ao mal: o militarismo prusiano, e o ensino clerical.

Daquelle estamos nós livres: este, porém, procura insinuar-se, entra aqui, como em toda a parte, com pés de lã, e se o grito de alarma contra elles se fizér esperar, dentro em pouco cada um de nós terá junto de si um espião armado.

Durante este tempo, o governo continuará a não cuidar de coisas minimas, ou, se a sua acção se fizér sentir,

será para facilitar o ingresso aos padres, porque lá está para inspirar a fé bebida na fonte milagrosa de Lourdes.

Venham, pois, as associações, que, empregando a sua actividade em um certo sentido, sirvam de resistencia ao mal que nos ameaça.

Cumpra a sua missão a Liga do Ensino, e que se não atérrem com ella as familias, que, libertas da praga da superstição, guardam as crenças puras de uma religião que não é a desses padres.

Ninguem quer destruir a poetica lenda do Crucificado; ninguem quer arrancar aos crentes esperanças consoladoras. O que se pretende é fazer da escola uma officina de trabalho, onde o mestre fórma o espirito do alumno; para formar-lhe o coração, ha as mães.

A religião não é uma sciencia, não precisa de mestres; o homem que tem de ser medico, que tem de ser advogado, que tem de ser artista, que tem de ser operario, que tem de ser negociante, não precisa ser doutor em theologia; não precisa metter a religião na arithmetica, a religião no direito, a religião na arte.

No estado a que chegaram as coisas, se a religião ainda tem de sobrenadar a este mar revólto de invenções e descobertas e progressos scientificos, que reduziram os livros santos ao que realmente são, isto é, esplendidos poemas, o meio de salvação é justamente este: que venha a crença das mães, que não discutem, mas que não impõem, que não analysam, mas tambem não tórcem. Com o tempo, essa semente portar-se-á conforme a natureza do terreno em que tivér caído, e o prepero que nelle tivér feito o mestre.

E' esta a differença essencial entre a escola leiga e a escola clerical. Na quella, o mestre não préga nem com bate a religião; nesta, o padre fa convergir todos os conhecimentos hu manos para um ponto unico: a superstição, a obediencia cega e passiva vontade do superior ecclesiastico, que se diz ministro de Deus.

FERREIRA DE ARAUJO.

Outubro, 1883.

O LIVRO DO PADRE SEVERIANO

(CARTA AO SR. WALFRIDO RIBEIRO)

O artigo da sua lavra, que acabo de lêr no n. 19 dos *Annaes*, poupa-me ao esforço da analyse, a que teria de submeter o livro do rev. Severiano de Rezende, sobre a obra de Eduardo Prado,—livro que o auctor me enviou, com a gentileza de expressão que os escriptores de raça costumam pôr generosamente nos seus carinhosos offer-torios.

De accôrdo com todas as proposições, nesse artigo emittidas, não só relativamente ao objecto da monographia, mas tambem á fórma do estylo e á linguagem usada pelo sr. padre Severiano, não hesitaria em subscrever, sem discrepancia, o seu trabalho, si não sentisse necessidade de accrescentar algumas reflexões sobre o character extraordinario do biographado e ainda sobre o mechanismo, sobre a technica estylistica do escriptor, em que, desde logo, reconheci um terrivel fundibulario da palavra.

O sr. padre Rezende não escolheu mal o assumpto para exhibir os dotes de cultor da phrase sediciosa e malcriada, cujos segredos astutamente procura surprehender.

E pela primeira impressão que recebi, desprevenido do seu livro apologetico, posso avaliar que formidavel orador sagrado se está alli formando, e que exito se lhe antólha, caso as circumstancias o colloquem num pulpito de ataque, como o padre Julio Maria, enfrentando livres pensadores.

Fallei em livro apologetico. Nenhum brasileiro se prestava a um desses torneios, em que Origenes e Tertuliano fôram eximios, do que Eduardo Prado, recém-convertido ao catholicismo, e por isso mesmo objecto de controvérsias no meio scientifico do qual desertára com escandalo, sendo ainda por cima oriundo de uma familia rica de dinheiro, e, o que mais é, convencida, como foi a dos Andradas, da sua supremacia intellectual.

Não cheguei a conhecer Eduardo Prado, sinão de vista. Li, porém, todos os seus escriptos; e começava a apreciar-o justamente no momento em que *Frederico de S...* se manifestou um dos intellectuaes brasileiros mais pessimistas que já se ostentaram em nosso meio, deante do advento do «15 de novembro.»

No que toca á raça, o que eu sabia era que todos os Prados eram notavelmente dotados de intelligencia, de gosto artistico e, principalmente, de instinctos de grandeza. Quando estive em S. Paulo em 1891, por occasião de inaugurar-se o monumento do Ipiranga, mostraram-me o palacio e parque feérico, em que ainda hoje reside

d. Verediana Prado, typo de antiga castelã, que se não farta de crear em tôrno de si um mundo de arte e de aprazimentos e de cujos gostos os seus filhos, sem excepção de um só, tornaram-se reflectores intensissimos.

Comprehendo hoje porque o dr. Martinho Prado foi um dos mais arrojados tribunos da terra paulista; porque Eduardo se entregou ao sybaritismo das viagens e depois apojou na angra da religião catholica; porque o conselheiro Antonio Prado se transformou num constructor de cidades *yankees*; porque Caio Prado conseguiu, durante a sua rapida administração no Ceará, impressionar o retirante e governar, com applauso, uma provincia, onde a cada canto se encontrava um *frondeur*, um Paula Ney.

Todos esses rebentos dessa familia privilegiada tinham um sonho de grandeza. O dr. Martinho Prado pensava no luxo e na grandeza das multidões dominadas pelo verbo de um Rienzi. Eduardo Prado sentia os éstos do benedictino da arte, e, nas horas de digestão ideal, imaginava, talvez, reconstituir a vida incomparavel dos Medicis de Florença. O conselheiro Antonio, de todos incontestavelmente o mais tranquillo, cuidou em realizar uma obra de engrandecimento da região outr'ora perlustrada pelo genio de Anchieta e a audacia dos bandeirantes, seus antepassados. Caio Prado, o mais nevrosthénico dos quatro irmãos, apenas lhe confiaram o governo de uma provincia, imaginou-se um proconsul, como o fôra Cicero na Syria, e logo imprimiu na machina da governança tal pressão, que já não escrevia; e não foi surpresa vê-lo administrar pelo telegrapho, expedindo diariamente mais telegramma do que o teria feito outro no decurso de dois annos.

Pois bem, era esse mesmo Caio que, a um intimo, profundamente intrigado com a sua feição esthetica e com os seus arrosos e desembaraços administrativos, dizia o seguinte:

— Você mostra-se pasmo deante dos meus processos extravagantes de administrar e do meu feitio, no que toca ás minhas singulares relações sociaes, porque não conhece o Eduardo, que actualmente mora em Pariz. Multiplique-me por 10 e têl-o-á completo e acabado. Sou um pigmeu em face das heresias e archaismos physicos desse meu irmão estupendissimo!

E o Ceará — *moleque*, como lhe chamava o fallecido José Mendes, o homem de mais espirito que já houve naquella terra; o Ceará, só porque Caio Prado regulava, em excentricidades, pela decima parte de seu irmão Eduardo Prado, admirou-o, amou-o; e, sendo um povo intolerante, no capitulo do *snobismo*, consentiu que o seu presidente, immune de vaías, pas-

seiasse pelas ruas da capital, montado em cavallo, arreado á gaúcha, trotando como no Rio Grande do Sul, de cartóla na corôa da cabeça, empunhando, á guiza de xiquerador, um bengalão de castão de ouro fôsko.

Ora, Eduardo Prado, a menos que não falhasse o conceito do irmão amado, devia ter sido tambem um nevrosthénico quintessenciado.

Viajou todos os continentes, comparou costumes, viu todas as cidades, illustrou-se em todas as litteraturas; por fim, fatigado do mundo, que se lhe afigurava sem interesse, como espectáculo, deu fundo em Pariz, a capital dos intellectuaes, e da galhófa, e com o requintado artista Eça de Queiroz, dispôz-se a mudar de vida. Mas, que vida podia ser, então, a sua, sinão a dos sybaritas do archaismo?!

Os tempos andavam reessos ás creações do pseudó-liberalismo, que fôra no principio do seculo XIX o pabulo das almas christãs e de eleição.

Em Pariz, principalmente, a mocidade, sob os auspícios de alguns grandes escriptores, do typo de Barbey d'Aurevilly, reagia contra a revolução franceza, contra o paganismo, e contra a philosophia do livre arbitrio. O resultado desse movimento, aliás contradictorio, fôra dividirem se os novos poetas e litteratos em turnias, e começaram a emigrar; uns, para a devoção e para o culto de Maria, outros, para a archeologia religiosa medieval; outros, finalmente, para a patrologia, em que as vidas miraculares dos santos offerciam ricos assumptos para poemas e monographias deliciosas, sob a influencia capitosa e, ás vezes, sensualisante, da myrrha e do incenso: o que tudo não impediu que alguns dos moços. componentes dessas turmas, em face das senhoras, que se levantaram desoladas para fugir do incendio pavoroso do Bazar de Caridade da rua Jean Goujon, de Pariz, abrissem caminho a rijos golpes de bengalas, allucinados pelo egoismo, que o cavalleiro de Bayard fulminaria com o tremor dos supercilios.

Essa sociedade, que Eça de Queiroz nunca deixou de examinar com os seus olhos de critico malvado, para descrevel-a, como si tratasse de um bando de faunos e silenos disfarçados, ou de muito bons candidatos á ópa *modern style*; essa sociedade que Du Parny teria, de bôa vontade, incluido na sua *Guerra dos Deuses*, pareceu a Eduardo Prado o melhor dos retiros para um sybarita aposentado, que, não obstante, desejasse manter a sua actividade cerebral, até ao fim da vida.

Eduardo Prado era o paradoxo na litteratura. Passal-o para a politica e para a fé não seria coisa muito custosa. Este, portanto, não só se passou para esse novo campo com armas e bagagens, mas assumiu a attitude de

quem se propunha *viver logicamente* o proprio paradoxo.

É desde esse instante, o escriptor sentiu-se francamente livre para discutir com os theologos questões interessantissimas, como, por exemplo, estas: Si o corpo de Christo, depois de ressuscitado, conservava as cicatrizes do supplicio, ou sobre saber quaes eram as occupações de Deus, antes da creação do mundo.

Bem se vê que só nessa atmosphera paradoxal de idade média, podia Frederico de S. . . preparar a vida, que foi a sua ultima preocupação, do seraphico Santo Antonio de Lisbôa.

Vê o amigo que eu tinha razão em dizer, no principio desta carta, que o padre Severiano escolhêra optimo assumpto para apparelhar o pulverizador do seu stylo. Era só enche-lo de perfumes capitosos, diluíl-os na essencia Prado, entontecer o leitor, e, por outro lado, atacar os que, em vida, tinham xingado o insigne auctor da *Illustração americana*.

Ora, é no proprio livro do padre Rezende que eu encontro a respeito da exma. sra. d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o juizo de que esta senhora era uma atrapalhada.

Si bem entendi, esse termo, applicado á escriptora portugueza, quer dizer apenas que ella tem uma psychologia complicada,—digo mal—uma psychologia furta-côr.

Não serei tão injusto que repute Eduardo Prado um *atrapalhado*, no sentido furta-côr; mas, com certeza, esse espirito foi muito complicado, como todo o verdadeiro intellectual;—bonachão, nas fórmulas exteriores, como Renau; profundamente sceptico, e, por isso mesmo, aparentemente tolerante, quando, no fundo, a sua indignação era holophernica, desde que algum tólo pisava nos callos da sua fantasia.

Pois bem, o padre Severiano de Rezende, que é da mesma especie, não podia deixar de enamorar-se desse talento, cheio de reticencias e de elipses interiores sobre os dogmas da Igreja Catholica.

— E' o meu homem! disse consigo mesmo; e guai! de quem se arrojar a contestal-o, porque, contestando-o, contesta os seus proprios talentos.

E, então, esquecendo a sua filiação litteraria, que é a mesma de Barbey-d'Aurevilly, de Voguë, quiçá de Huysmans, irmãos de leite ou afilhados do auctor da *Vida de Jesus*, e que ainda se confessam e commungam, *avec un petit diable assis au coin des lèvres*, o critico brasileiro busca explicar a santidade da *Vida de Santo Antonio de Lisbôa* pelos crimes e pelo satanismo daquelles, que da sua obra blasphemaram. O processo é engenhoso; e aqui o declaro francamente: eu, no seu logar, faria a mesma coisa.

Foi Renan quem enriqueceu a ironia

de Eduardo Prado com o fluor das idéas religiosas; pois Renan que tome aqui para o seu tabaco.

O sr. Barreto metteu-se a contrastar o seu scientificismo com a nova fé desse Juliano *a rebours*; pois que esse doutor, atheu, se recôlha aos bastidores, e não pretenda mais tomar vinganças de percevejo, porque, como bem disse Voltaire, esse máu vêzo é privilegio dos jesuitas, que, de parceria com esse interessante insecto, invadiam os leitos de Luiz XIV, interrompendo os seus colloquios religiosos com a gravebunda Maintenon.

Uma senhora portugueza, graphomoniaca, cogita em dar licções de philosophia a um morto illustre; essa senhora receba um conselho util: não seja trapalhona; cuide nos filhos, si os tem: pesponte sua costura si aprendeu a manejar a agulha; cosinhe castanhas para as visitas, si as recebe; mas não diga barbaridades sociologicas em phrases chloroticas, porque de mulheres athéas e que negam a virgindade de Maria, temos de longe conversado.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa).

Projecto de Reforma Monetária no Brazil

CUNHAGEM LIVRE DO OURO

O padrão monetario sendo o mil réis ouro a 0 gr. 3661 de métal fino, a cunhagem das moédas de ouro de 20.000 réis e de 10.000 reis seria livre e illimitada no Brazil, onde ellas teriam poder liberatorio para qualquersomma (o que equivaleria, ao mesmo tempo, ao curso forçado e curso legal) porque seriam, simplesmente, a unidade monetária nacional multiplicada por 20 ou por 10.

A França, tendo o regimen da cunhagem livre, illimitada, a tarifa de cunhagem da sua Administração é de 6 fr. 70 por kil. de moéda ouro ao titulo 900 *mos*; isto é: 7 fr. 444 por kil. de métal fino, preço que comprehende as despesas de fabricação e liga.

Suppondo que a tarifa brazileira seja egual á franceza, cada kilogramma de ouro fino, para ser transformado em moéda, custaria ao publico brazileiro, como despesas de cunhagem:

$$\frac{7.444}{1,26} = 5.908 \text{ réis}$$

A moéda de 20.000 réis, pezando 7 gr. 322 de ouro fino, cada kilogramma de ouro permittiria talhar 136.56 *libras brazileiras* de ouro, exactamente a paridade da libra esterlina.

Donde se segue que cada moéda de 20.000 teria de soffrer 43,3 réis de custo de cunhagem e um conto ouro 2 mil réis 165.

Isto permittirá calcular o *Gold point* da entrada e saída do Brazil; isto é: determinar a que nivel do cambio brazileiro conviria importar ouro do estrangeiro para o Brazil ou exportar o ouro brazileiro para o estrangeiro.

* * *

O cambio brazileiro cotando, em Londres, 12 d. por mil réis, um habitante desta cidade, necessitado de fazer, no Rio, o pagamento de um conto de réis, saccará por intermedio de um banco, que tivér transacções com o Brazil, uma somma de 50 libras est., a equivalencia de um conto de réis ao cambio de 12 d., e, mediante uma commissão suplementar de 0,25 %, ou 2 sh 1/2 ou 2.500 réis.

Essa transacção é o cambio por letras; effectúa-se por via de compensação, arbitragens, ou troca de saques entre o Brazil e a Inglaterra, cada conto custando 1.002 mil réis; cada mil réis a pagar, no Rio de Janeiro, chega, portanto, em Londres a:

$$\frac{1.002,5 \times 12 \text{ d.}}{1.000} = 12 \text{ d. } 030$$

Si existisse, no Brazil, a cunhagem livre, illimitada, do ouro, nas condições acima expostas, e, si 366 fr. de ouro fino tivésse o direito de se transformar em um conto liberador, mediante 2.165 réis de custo de cunhagem, o mesmo habitante de Londres poderia pagar a sua divida de um conto, enviando 366 gr. 1 de ouro fino á Casa da Moéda do Rio de Janeiro.

Suppondo que elle possa adquerir esse pezo de ouro ao par, o que é, geralmente, o caso de Londres, teria, ao principio de gastar 50 lib. est., mais cêrca de 0,80 % do valor da barra para as despesas de transporte para o Rio, seguros, etc., isto é: 8 sh. ou mil réis, aos quaes se accrescentariam 2.165 réis, representando as despesas de cunhagem no Brazil, ou, no total—10.165 réis.

O conto custando assim—1,010 mil réis 165, cada mil réis a pagar, no Rio, custaria em Londres:

$$\frac{1.010.165 \times 12 \text{ d.}}{1.000} = 12 \text{ d. } 121$$

A primeira transacção seria mais vantajosa, porque economisaria, em relação á segunda, um pouco mais de 7 mil réis 1/2 por conto enviado ao Rio.

Mas, si o cambio brazileiro montasse, em Londres, a 12 d. 10, o preço do métal ouro ficaria ao par, o conto saccado saíria a $1.000 \times 12, 10 = 12.100$ d., ou 50 £ 8 sh. 4 d., mais 2 sh. de commissão, ou 50 £, 10 sh., 6 d.; isto é: 1.010 mil réis 833.

Por conseguinte, cada mil réis pago no Rio, custaria em Londres:

$$\frac{1.010.833 \times 12 \text{ d.}}{1.000} = 12 \text{ d. } 129$$

Isto significa que, si a reforma monetaria brasileira se realizar sobre a base 12 d. ouro por um mil réis, e si a cunhagem livre, illimitada, do ouro dér a 336 gr. 1 desse métal, o direito liberatorio de um conto de divida no territorio da União, mediante 2.165 réis de despezas de moédagem, o *Gold point* de entrada no Brazil será attingido, quando o mil réis chegar, em Londres, á taxa de 12 d. 10.

Acima dessa taxa, haverá interesse em fazer remessas para o Rio em métal ouro de preferencia a letras de cambio, porque essa transacção será mais vantajosa para os devedores estrangeiros.

*
* *

Ao contrario, o *Gold point* de saída do Brazil será attingido quando o valor em ouro do mil réis cair, em Londres, ácerca de 11 d. 90.

Sendo as notas de bancos brasileiros embolsaveis em ouro, ao par e á vista, no Rio e em todas as grandes cidades da União,—si o cambio brasileiro recuasse, em Londres, abaixo de 11 d. 90, os estrangeiros, tendo sommas a receberem no Brazil, ou os brasileiros tendo pagamentos a effectuar, no estrangeiro, encontrariam vantagens em receber pelo Banco de emissão 12 d. ouro por mil réis em notas apresentadas ao pagamento, porque o métal ouro teria, em relação ao sáque, um poder liberatorio, tanto maior no exterior, quanto mais baixo que 11 d. 90 estivesse o cambio brasileiro em Londres.

Mas, salvo graves acontecimentos de ordem exterior, a baixa do cambio num paiz de um unico banco de emissão, póde ser facilmente evitada quando o estabelecimento regulador da circulação monetaria se mantém, strictamente, nas suas attribuições salutaras e sabe cumprir o seu dever. Basta, para isso, que elle fiscalise, attentamente, a situação economica e financeira do paiz, que conserve, sempre, uma sabia proporção entre as suas aberturas de crédito e seus fundos disponiveis, immediatamente, realisaveis em ouro, que reduza, em consequencia, a sua circulação fiduciaria, desde que as circumstancias o exigirem e, finalmente, obste, por uma intervenção energica e opportuna no mercado do cambio, as manóbras sempre nefastas da especulação cambista.

MOÉDA FIDUCIARIA

A emissão fiduciaria do Estado e o systema da pluralidade dos bancos de emissão produziram crueis desillusões e deixaram lamentaveis recordações no Brazil para ser necessario insistir, nos seus inconvenientes e nos perigos dos dois systemas.

No primeiro caso, a facilidade do Estado de fabricar moéda em papel

chega fatalmente ao curso forçado. No segundo caso, o direito, conferido a vários estabelecimentos, de emittir notas ao portador e pagaveis á vista, tira á circulação fiduciaria nacional sua homogeneidade e diminúe, por isso mesmo, o seu poder regulador e creador do crédito publico.

Com effeito, a circulação fiduciaria, que se tornou o principal instrumento monetario das nações civilisadas, por ser a expressão synthetizada da unidade monetaria nacional, não póde servir bem aos grandes interesses do paiz, tendo de soffrer a concurrencia interior.

Devendo ser, ao mesmo tempo, a medida commum do valor das coisas nacionaes, a circulação fiduciaria não poderá, si tivér diversas origens de emissão, exercer muito tempo essa dupla funcção, porque os estabelecimentos de emissão não serão dirigidos e administrados pelos mesmos môdes, e, por isso, por esse facto inherente ao systema, as notas postas, respectivamente, em circulação por elles, não gozarão do mesmo crédito perante o publico e não serão, uniformemente, conversiveis em ouro, ao par e á vista.

O valôr das coisas é hoje medido e representado, no Universo, pelo métal ouro, ao qual todas as grandes nações commerciaes concedem o privilegio da cunhagem livre, illimitada e curso forçado.

Segue-se que a situação monetaria de um paiz, tomada no todo, não se consideraria normal ou sã, sem que a sua unidade monetaria nacional e toda a sua circulação fiduciaria, que é, de facto, a moéda nacional concentrada, se possam converter em ouro ao par e á vista, condição quasi incompativel com a pluralidade dos bancos de emissão.

São estes os principios fundamentaes da reforma monetaria do Brazil si não se quizer repetir a historia do passado e se arriscar de novo ás peiores aventuras.

*
* *

A emissão fiduciaria brasileira, baseada no mil réis de 12 d. ouro, será, portanto, concedida a um banco unico que terá o privilegio exclusivo dessa emissão em todo o territorio da União.

As notas do Estado, em circulação actual no Brazil, serão, progressivamente, retiradas e trocadas por novas notas do banco emissor, salvo as pequenas de 500 rs., 1.000 rs., 2.000 rs. e 5.000 rs., que serão substituidas, na circulação, por moédas de prata, moédas fraccionarias, de valôr nominal equivalente.

O trôco das antigas notas do Estado pelas novas do banco se fará por equivalencia nominal; o portador de uma nota do Estado do antigo valôr nominal de 100.000 rs., por exemplo, receberá uma nova nota de banco do valôr

de 100.000 rs. ao titulo de 12 d. ouro.

A' medida que a trôca se fôr effectuando, o thezouro federal depositará no banco de emissão, a credito de sua conta, as sommas correspondentes ao valôr das notas retiradas, sendo esses depositos em especie ouro, ou em *bonus* do thezouro federal pagaveis em ouro, sem júro, sobre a base de 12 d. ouro por mil réis das notas retiradas.

O banco não poderá dispôr, em caso algum, da reserva ouro assim constituida, emquanto não fôr decidida a continuação dos pagamentos em especie ouro da nova circulação fiduciaria.

Durante todo o periodo do trôco, as novas notas do banco terão curso forçado como as notas actuaes do governo e seu pagamento em ouro, ao par e á vista nos balcões do banco de emissão, começará, sómente, quando fôrem retiradas as notas do governo e quando o banco dispuzer de uma somma effectiva, em ouro, bastante para emprender o pagamento em especie e para a suppressão do curso forçado no Brazil, a qual, além disso, sómente será resolvida depois de um accôrdo entre o banco e o ministro das finanças do governo federal, inspirado nas circumstancias e na situação do mercado, sendo esse accôrdo submettido á ratificação do poder legislativo.

As notas do banco serão, ao principio, de 10, 20, 50, 100, 500 e. . . . 1:000.000 rs.; mais tarde, quando o ouro houver sufficientemente penetrado a circulação brasileira, as notas de 10.000 rs. poderão ser substituidas por numero proporcional das de maior valôr.

A partir do momento dos pagamentos em moéda, a somma das notas em circulação, que não poderá, sem approvação do poder legislativo, ser augmentada além dos limites prefixados, por motivos que explicaremos adeante, e os depositos dos particulares em numerario, assim como o das caixas publicas deverão ser sempre representados na caixa do banco por um valôr, ao menos equivalente em moédas de ouro, titulos de commercio, sáques sobre o interior ou sobre o estrangeiro e adeantamentos de vencimento não excedente a trez mezes; mas, em caso algum, a somma das notas em circulação será superior ao triplo do lastro em ouro disponivel na caixa do banco.

O governo da União exercerá uma fiscalisação effectiva sobre a circulação fiduciaria por meio de dois commissarios federaes, fiscalizando um, as operações relativas á emissão de notas; outro, os serviços de thezouraria do governo, dos quaes o banco se encarregará, em todas as cidades da União, onde terá succursaes em condições determinadas. Todas as notas do banco, sem excepção, terão a firma do seu director e do commissario da emissão.

Será feito, no fim de cada mez, um balanço do banco, comprehendendo: o capital social e as reservas, a somma das notas em circulação, o lastro em ouro e prata, da carteira de desconto e sáques com menção do valôr dos títulos de commercio e sobre o estrangeiro, os adeantamentos sob caução, as contas correntes credoras e os depositos particulares, a conta corrente do thezouro, etc. Esse balanço geral, assignado pelo director do banco e pelos dois commissarios, será datado do fim do respectivo mez e deverá ser publicado, num prazo maximo de oito dias, no *Diario Official*.

O banco de emissão terá a sua séde social no Rio de Janeiro, onde serão installados seus escriptorios centraes; poderá crear succursaes em todas as capitães dos Estados e ter agencias em todas as cidades do interior e do estrangeiro onde julgar necessarias. As contas dessas succursaes e agencias serão concentradas na séde social e comprehendidas no balanço mensal.

* * *

A nova circulação fiduciaria brasileira, suppondo que a somma de notas do governo, existentes em 1 de agosto de 1904, se tenha mantido, se elevará a 674.000 contos, dos quaes se deduzirão os 81.000 contos, em algarismos redondos, de pequenas notas de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis a serem transformadas em moédas de prata fraccionarias, importando, em algarismos redondos, em 593.000 contos.

Contemplando o numero de habitantes e as necessidades do commercio indígena, caracterisados pela divisão da circulação actual, esses 593.000 contos poderão ser fraccionados em 14.233.000 pequenas notas, assim repartidas:

Numero de notas	Valôr das notas	Somma total
	Mil réis	Contos
7.000.000	10	70.000
3.500.000	20	70.000
2.000.000	50	100.000
1.400.000	100	140.000
240.000	500	120.000
93.000	1.000	93.000
14.233.000		593.000

A gravura e vinhêta de cada typo de nota serão differentes, mas terão todas o titulo do banco de emissão, sua séde social, um numero de série e seu numero particular na série, indicação do valôr nominal, a declaração de que é pagavel á vista em moéda metálica de ouro brasileiro, a firma do director do banco e do fiscal federal da emissão fiduciaria.

O banco mandará fabricar á sua custa, ou fabricará elle mesmo, as notas pelas quaes será, sempre, responsavel.

O banco de emissão, finalmente, sendo o regulador natural da circulação brasileira, poderá ser encarregado da execução material da refôrma monetaria, principalmente da cunhagem das novas moédas de ouro e prata, mediante accôrdo com o governo federal.

EDMOND THÉRY

(Continúa)

GREGORI GAPONE

O APOSTOLO DA REVOLUÇÃO

Circulava, recentemente, na Russia, uma caricatura representando o Czar curvado sob o pezo do gigante Tolstoï, sobre cuja cabeça de philosopho se agitava um personagem minuscuro, altivo, inquieto, figurando o nascente proletariado operario. A marcha do Czar era atravancada pelos *popes* que se lhe agarravam a uma das pernas, ao passo que os estudantes seguravam a outra.

Essa caricatura, que, circulava, clandestinamente, tomou, á luz dos ultimos acontecimentos, singular importancia.

O minuscuro personagem, alimentado pelas idéas de Tolstoï cresceu tanto que substituiu por seu volume a massa do philosopho; o Czar cambaleia sob esse duplo pezo e o *pope* abandona-lhe a perna para se lhe peparar á cabeça e augmentar o fardo que opprime, cruelmente, os hombros do imperador autocráta.

Rudemente, quando a Russia soffria revêzes militares, um mal imprevisto, não suspeitado tão imminente, se desencadeou sobre o paiz. No dia seguinte aos *ukases* pomposos, proclamadores do espirito liberal de Nicoláo II, a organização operaria se ergueu poderosa; *grêves* se propagaram como um rastilho de polvora, e a massa operaria, tendo á frente um padre, o *pope* Gregori Gapone, se precipitou ao ataque ás instituições. Esse apostolo da revolução, esse Pedro, o Eremita, da cruzada operaria; esse padre que recórda, por seus processos, os frades da Liga, se revelou chefe, sem que nada, na sua vida pregressa, o houvesse destacado á attenção publica. As informações sobre elle são raras; sua physionomia não está ainda, em vários traços, accentuada, mas é possível esboçal-a nas linhas geraes.

Gregori Gapone nasceu na Pequena-Russia; provém dessa ardente raça mystica, facilmente inflammavel, a raça em que todas as legendas dos falsos Ivan, dos falsos Demetrius encontraram sectarios devotados até á

morte. Nasceu no suburbio de Poltava; seu pae era um agricultor e elle foi pastor na infancia. O caracter sonhador do rapaz se exaltou na contemplação silenciosa dos horizontes do *tchernosjon*. Na escola dos *Zmstvos*; suas aptidões, sua vontade de aprender, as irradiações dos seus olhos negros attraíram a attenção dos mestres que o destinaram ao sacerdocio.

Na Russia, os *popes*, unico elemento intellectual e moral onde se pôssa aquecer a alma tenebrosa dos camponezes, cuja existencia precaria elles conduzem, se recrutam, ordinariamente, nas familias presbyteriaes: os *popes* se succedem de paes a filhos; fórmam uma especie de casta.

Gapone entrou para o seminario sem idéas preconcebidas, immune de qualquer influencia hereditaria, levando o espirito cheio de curiosidade piedosa, sua tendencia para a commoção, seu conhecimento das miserias do povo. Deixou-se influenciar pelas coisas da politica, o que lhe valeu um castigo disciplinar e notas fracas que lhe fecharam as portas da Universidade.

Fez-se, então, estatístico do *Zmstvo*. Imbuído das doutrinas de Tolstoï, propagou-as, e casou com uma moça do povo, que, dedicada, como elle, á causa humanitaria, o fortificou em suas idéas primitivas. Volveu ao sacerdocio, porque só o ministro de um culto poderia falar ao povo, ou falar de um povo. Para chegar a essa dignidade, teve de fazer um curso em São Petersburgo, onde viveu, immiscuindo-se, cada vez mais, na existencia dos operarios. Quando Tolstoï foi excomungado pelo Santo Synodo, elle se manifestou francamente pela causa do philosopho e soffreu uma censúra.

Mais tarde, fez-se capellão das prisões, vivendo com uma frugalidade de ascéta: ao contrario dos seus collegas, não exigia honorarios pelos seus actos sacerdotaes, e assim conseguiu, rapidamente, ser adorado nos centros operarios.

Fundou o primeiro syndicato, a *Sociedade dos Operarios Russos*, organizadora da *grêve*. Foi elle quem se pôz á frente dos dez operarios, que pediram ao director da usina de Putiloff, a revogação da demissão fulminada contra certos camaradas.

Falando de *meeting* em *meeting*, sua eloquencia popular empolgava os auditorios, com phrases inflammas, trovejando contra a immoralidade, o debôche, a embriaguez; e, dialogando de boa vontade com os ouvintes, obtinha, entre acclamações freneticas, resoluções de extrema audacia.

Esse revolucionario é um tolstoiano; sua carta ao Czar reflécte os argumentos do testamento politico, dirigido por Tolstoï, ha trez annos, ao imperador; suas doutrinas, hauridas, como as do velho de Isnaio-Polavaia,

nas fontes do Evangelho primitivo, se inspiram nessa piedade, que, mal o penétra, abraza o coração do homem.

* * *

O *pope* Gapone foi, segundo um communicado do Santo Synodo, suspenso de ordens e privado de todas as dignidades ecclesiasticas.

Não ha que negar a piedade da santissima instituição orthodoxa da Russia. O pavoroso castigo, agóra desencadeado sobre a cabeça do heróe revolucionario, si não podia ser peor, podia, em compensação, ter sido decretado muito antes. Emquanto o Santo Synodo o excommunga, o povo abençôa ao *pope*, que, realmente, não dêve ter razão de queixa desse povo.

Aqui está um dos resultados da sua terrivel prégação: a resolução approvada pelos estudantes russos, na reunião que, no dia 20 deste mez, realisaram, permittida pelo estimavel cavalheiro, general Trepoff.

Vários professores adheriram aos estudantes; um delles presidin á reunião. Os mais exaltados fôram, ao menos em effigie, á cara do Czar, cujo retrato ficou em pedaços. E os mais furiosamente exactos, que fôram todos, lançaram a seguinte proclamação:

«O absolutismo está prestes a cair, e, na sua agonia, decreta medidas cada qual mais ridicula. Cabe-lhe a responsabilidade inteira da criminosa aventura em que se metteu no Extremo Oriente, onde já se perderam dez mil vidas e milhões de rublos. Perfeitamente seguros e conscientes do fim que têm em vista, os estudantes sustentaram por longo tempo uma lucta encarniçada para obter os mais elementares direitos conferidos a todos os homens. Esse esforço, muitas vezes mallogrado deante do poderío brutal da tropa, prolongou-se, felizmente, até o momento em que o proletariado, por sua vez, appareceu na arena, vibrando os mais terriveis golpes na autocracia absoluta. Os sangrentos acontecimentos de que Petersburgo acaba de ser theatro provam claramente de quanto será capaz o czarismo para defender a sua existencia precaria contra a acção fraternal e sincera do proletariado. Póde-se dizer que em janeiro foi lavrado o decreto de morte do despotismo, assegurando-se, ao mesmo tempo, a rapida conquista da liberdade politica na Russia. Nós, que somos uma parte desse todo e que temos noção exacta do rumo que seguimos, louvamos a solidariedade do operariado e formulamos os seguintes votos de reforma: reunião de uma assembléa legislativa escolhida pelo suffragio universal; liberdade de palavra e de imprensa, assim como de associação e de parede; amnistia a todas as pessoas condemnadas por motivos politicos ou religi-

osos; egualdade dos direitos a todos os povos que habitam a Russia. Para impedir que a opposição reaccionaria tólha o governo na execução dessas resoluções, convém que o mesmo governo organise, immediatamente, uma Guarda Nacional, apoiando-se, assim, no proprio povo e reconhecendo, desde já, a significação do momento historico que a Russia atravessa».

CARNAVAL

Os jornaes estão fazendo o papel das amas seccas: embalam o carnaval nos braços, fazem-lhe cocegas nos sovacos para que o pequeno não chore, não berre ou não durma.

Querem vê-lo affeito, desmiolado, cabriolante e doido: ha columnas e columnas á espera das diabruras do pandego. Mas, parece que elle não váe lá muito dos jornaes, para não dizer das pernas. O estado de sitio, naquelle tom de gente velha, tem-lhe pedido prudencia, e, por mais bonacheirão que um velho seja, tem sempre uns cabellos brancos para a gente respeitar.

E é talvez por isso que os primeiros alvares do Endiabrado, véem surgindo num descoramento anemico, sem aquelles badalados atroadores, sem aquelles papocamentos estrondantes, sem estoiros, sem doidices, sem gritarias á louca.

Parece que o velho até puxou as orelhas do pequeno. Um anno atrás e annos atrás, o seu primeiro arranco foi cabriolado em cima de zabumbas, o seu primeiro grito soprado em trombetas e cornetins guinchantes, num esguelamento de furia alegre. Hoje, zabumbados raros pelos clubs, barulhadas escassas, estouvamentos discretos.

Sente-se que ha muita vontade do brinquedo, mas que se tem receio de acordar a nevropathia sagrada daquella casa de dois andares da rua do Lavradio.

Como quem queria dar um impulso atrevido na pasmaceira, os *Tenentes do diabo*, que fôram generaes endeusados noutro tempo, surgiram. Mas, surgiram mancos como se tivessem levado balaços, sem aquelles ares da antiga pompa, com uns ares agóra de tenentes que baixaram a anspeçadas.

Mas, os jornaes nos dizem e nos promettem abertamente um carnaval de opulencia e diabruras. Até já disséram que o estado de sitio passará trez dias em casa sem ir á rua, curando o rheumatismo da velhice em cama fôfa, engulindo calmantes e deixando, á larga, a Folia ás cabriolas, aos atroados, ás flammejancias, aos piparotes. Até já disséram que o velho tem uns planos exquesitos de despejar perdão nos proprios piparotes que lhe machucarem a pança. Esperemos.

E os jornaes vão, dia a dia, instigando a festa. Promettem-nos passeiatas estrondosas, monumentaes, mirabolantes, passeiatas dos *Destemidos*, dos aristocraticos *Democraticos*, dos *Paladinos*, dos *Prodigos*, dos *Feni-anos*.

Nós, até agóra, só pisamos nos *Fenianos*. Realmente, alli ha o mesmo ardor dos outros tempos, o entusiasmo dos outros annos, o mesmo reboliço, a mesma fulgurancia.

O ultimo baile, o baile de sabbado, esteve simplesmente espantoso. A meia noite, a festança espôcou. Aquelles salões deliciosos, que todo o mundo conhece, apinharam-se de gente, gente que naquella noite déra um ponta-pé na vida, para gosar o que na vida ha de mais gostoso.

E brincou-se até vir a manhã. Era uma enfiada de dansas, umas por cima das outras, num assanhamento esquentado de quem se apréssa num goso. Parecia que aquella gente symbolisava todo o aneio da pandega, toda a vontade de brincar que ahi por fóra váe.

Havia os discursos nephelibatas do *socio honorario*, as surpresas sobresaltantes de *Jambo*, a adoravel sobrecasaca de *Roxura*, a jovialidade do secretario, a musica, os requebrados, as madamas.

E, no meio de toda aquella folgança, falava-se ardentemente na passeiata que o club ha de pôr na rua, uma passeiata assombrosa, opulentamente carnavalesca, feita a capricho para triumphar.

E o que se deve frisar aqui é que numa casa de carnaval como aquella, onde ha genios de matizes tão diversos, onde não cabia uma cabeça de afinete, não tenha havido um só estremecimento de zanga, um só prenuncio de estremecimento. Contaram-nos que

era sempre assim. Alli não se briga, ninguem alli se estremece. Quando aquellas escadas se transpõem, um unico desejo se tráz da rua — o de brincar, e brincar, intimamente, na mais feliz camaradagem.

Si a nossa Camara fôsse alli ! . . .

ZÉ PEREIRA.

AGUA DE MAIS;
AGUA DE MENOS

Toda a vez que o Rio de Janeiro é inundado por uma dessas chuvas estupidas como aquella que, domingo ultimo, nos favoreceu com o allivio dos soffrimentos de alguns dias caniculares, bradamos contra o pessimo regimen de vazão das aguas pluviaes e contra o governo, que, afinal de contas, é o culpado de tudo, até dos desregramentos da meteorologia.

E, como uma queixa predispõe a outra, é inevitavel por uma associação de males, causados pelo liquido, lamentarmos tambem a falta d'agua para beber. Toda essa agua caída do céu, enchurrando as ruas, se desperdiça, correndo para o mar, quando seria uma preciosa contribuição para os nossos reservatorios ridiculos.

Culpamos o governo da insufficiencia dos exgotos, porque não consideramos que essas inundações são phenomenos inevitaveis, como consequencia natural da extraordinaria exuberancia das chuvas e da conformação topographica que dá ao Rio de Janeiro esse aspecto pittoresco e bello, que é o nosso orgulho, a mais preciosa joia do nosso *chauvinismo* carioca.

Estudada essas duas condições de uma cidade cercada de montanhas, construida em valles estreitos por onde ella alastra, como um polvo colossal, estendendo-se pelas faldas dos oiteiros, plantando as suas casas na órla das ladeiras ingremes, sobre a arésta dos alcantis das pedreiras ou no dorso das montanhas feridas de grandes ulceras cinzentas, abertas pela dynamite das minas, estudando essa desforme disposição de ruas que sobem e descem, enrolam-se como serpentes e penetram os mais remotos dos refolhos das gargantas e desfiladeiros, verificamos serem essas ruas traçadas pela indicação dos leitos cavados pelas torrentes pluviaes, por nós endireitadas, corrigidas calçadas, desbastadas de rélva e arvoredos para que a agua das bategas corresse mais ligeira, sem se encaichoear nos obstaculos naturaes, sem se embeber na terra. E se a torrente se precipita vertiginosamente pelo franco leito por nós preparado, é natural que forme, rapidamente, no valle, as massas formidaveis, em relação ás quaes os mais largos, os mais rasgados bo-

eiros seriam pequenos furos de um crivo.

Ninguem póde, além disso, impedir que a torrente arraste a terra, os residuos vegetaes, que vão, precipitadamente, obstruir os ralos dos receptores e concorrer com diminuta resistencia para os desbordamentos que nos assanham na memoria de mortaes e peccadores, os terrores atavicos do diluvio.

A capacidade de engenharia, como a de todas as coisas humanas, é limitada pela natureza: ella não póde lutar contra as forças omnipotentes a sobrepujarem todas as providencias do engenho e arte. E, assim como não ha engenheiro que possa evitar a queda das barreiras obstruindo leitos dos caminhos de ferro mais perfectos, não ha tambem profissional que possa por uma sabia disposição de niveis suaves, modificar a topographia de uma enorme cidade plantada entre montanhas, para libertal-a do incommodo das inundações.

Porque estão as cidades planas menos sujeitas aos effeitos das chuvas rapidas? Porque não lhes deu a natureza montanhas, os accumuladores das massas d'agua. Por mais fortes e demoradas, as chuvas se despejam egualmente por toda a parte e se refugiam, immediatamente, no mar.

E porque desbordam os rios? Porque são canaes abertos, lentamente, pelas correntes normaes, estreitos e pouco profundos, incapazes em relação ás extraordinarias massas d'agua, violentas, inopinadas.

Chegamos naturalmente á conclusão de que, para evitar as inundações, seria imprescindivel arrasar as nossas formosas montanhas, dando ao nosso Rio de Janeiro o aspecto feio de uma gentil moça com a cabelleira cortada á escovinha, sem as suggestivas protuberancias das ondulações do seio, das ancas, os sagrados symbolos do sexo.

*
* *

Quanto ao caso opposto — a falta d'agua — a culpa dêve ser imputada, em primeiro logar, aos vandalos, que desbastaram as nossas pomposas florestas densas e, ainda hoje, reduzem a carvão o arvorêdo protector dos mananciaes. Vem depois a culpa dos administradores que, não contando com o nosso desenvolvimento, suppuzeram que o aqueducto da Carioca poderia saciar a nossa sêde, durante muitos seculos, a sêde das industrias, que vivem dos geradores de vapor, de electricidade, de movimento, e a sêde da hygiene, que se nutre de limpeza, em abundantes lavagens dos ricos e dos pobres, das roupas que elles vestem, das casas que elles habitam.

A nossa provisão d'agua potavel foi augmentando aos poucos, á medida das reclamações vehementes pelo precioso

liquido. Os nossos especialistas, lendo na cartilha do governo colonial, fôram construindo *tanques* aqui e acolá, até que se decidiram a fazer obra completa, definitiva, gastando cêrca de vinte mil contos com a empreza Gabrielle. Annos depois, verificaram que as dispendiosas obras não haviam corrigido, definitivamente, a penúria d'agua, e continuaram no minguido regimen de dotar a população da cidade com outros *tanques*, cujo conteúdo se desperdice, pela metade, em extravasamentos inuteis, excedentes á capacidade dos referidos *tanques* e ao diametro acanhado dos tubos de distribuição.

E, uma vez por outra, para não dizer quasi diariamente, fazem-se despesas consideraveis com os velhos encanamentos que espócam, ou nos continuos remendos de erros velhos.

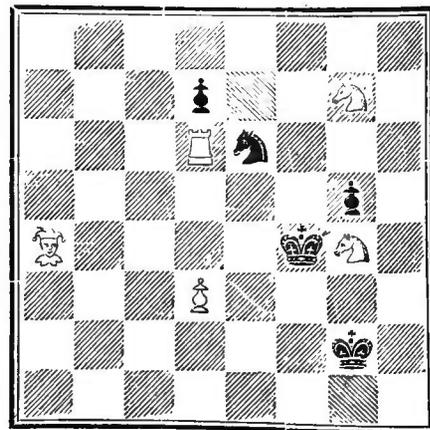
Em todo o systema do abastecimento, temos, como unidades consideraveis, condecorados com o titulo de reservatorios, cinco — o do Pedregulho, com 75.000 m^3 ; o novo reservatorio da Tijuca, com 17.000 m^3 ; o de Santa Theresza, com 15.000 m^3 , o de Macacos; com 55.000 m^3 e o do Rio do Ouro, com 15.000 m^3 ; os quaes, com o producto dos tanques, dos açudes, das caixas de areia, perfazem uma contribuição capaz de fornecer a cada habitante, cêrca de 300 litros d'agua, annualmente, menos de um litro diario, conduzidos atravéz de duzentos kilometros de canalisação, que não excedia, até poucos annos atrás, a 80 centimetros de diametro, e sujeito á desperdicios consideraveis.

Si não temos abundantes reservatorios dignos desse nome e uma canalisação correspondente á capacidade dos existentes, não é de admirar que nos falte agua potavel, agua para as industrias, agua para a hygiene da pessoa, das casas e das ruas, muito em bóra seja o Rio de Janeiro fartamente provido d'agua pela natureza.

DIVERSÕES

Problema n. 17

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, dão mate em dois lances.

O RIO DA SAUDADE

Foram-se as illusões e foram-se os amores
Ao galope do Tempo, insensível, ligeiro...
E, agora, apenas sinto o tédio e os dissabores,
Com que me polluo o goso passageiro.

Retrata-me a tristeza e traz-me anhelos, dôres,
Venturas, da Saudade o plácido ribeiro,
Como um rio conduz balsas de urzes e flôres,
Refletindo na face um constante nevoeiro.

Desce tudo em silencio o tranquillo regato :
O meu primeiro amor... o meu primeiro beijo...
Meus combates de rei... meus lances de insensato...

Meu derradeiro idéal... meu ultimo desejo...
E, em cima, como um luar, oh! Mãe! o teu retrato,
Que, nas aguas do rio, espelhado, revejo!

15 — 2 — 905

FAUSTO CARDOSO.

O TEMPO PERDIDO

(Sully Prudhomme)

Tanta fadiga e pena, e tão esteril vida !
De vãs preocupações nos corre o dia cheio,
E nossa alma indecisa um contínuo receio
Domina. A hora melhor foge, despercebida.

Amanhã, levarei a esmola promettida..
Amanhã, hei de lêr o livro aberto a meio,
Amanhã, serei justo e forte. Deste enleio,
Amanhã, livrarei minha alma, que duvida.

Hoje, não ! Hoje, ha mil cuidados e visitas !
— Ah ! os inuteis, crueis deveres parasitas,
Cujo bando pueril pelos salões impera !

E o coração e a idéa ociosos vão ficando,
E enquanto o homem se mata, um nobre esforço adiando,
Silencioso, na sombra, o Dever nos espera.

LEOPOLDO BRIGIDO.

DECLINIO

O vicio mora no teu corpo branco
e esta jaula de marmore espedaça;
o corpo inteiro com furor te enlaça,
crava os dentes rugindo no teu fianco.

Desta infrene panthéra a cada arranco
perde teu rosto seducção e graça ;
morre o brilho dos olhos; fragil passa
a formosura num declinio franco.

Morre o brilho dos olhos, mas perdura
esta febre de goso que te exgotta
num delirio fatal, quasi loucura !

Mesmo engelhada pelos annos, ha-de
essa bôcca trismar-se na remota
sensação das volúpias desta idade!

1905.

A. J. ALVES DE FARIAS.

A AGUA DO MAR, EM INJECCÕES
SUBCUTANEAS, NA TUBERCULOSE
PULMONAR.

MAURICE MATHIEU, SOCI-
EDADE DE MEDICINA DE PA-
RIZ, 25 de dezembro de
1904.

A lei de permanencia marinha, formulada por mr. René Quinton e, na opinião dos especialistas, considerada definitivamente estabelecida, condúz a esta concepção nova de economia: todo o organismo animal é um verdadeiro aquarium d'agua do mar; todas as cellulas constituintes de um individuo se banham e vivem nesse aquarium marinho, de sorte que um organismo qualquer, o homem, por exemplo, se redúz, schematicamente a um tubo de cultura, onde as cellulas que cultivam são as organicas e, no qual, o caldo de cultura dessas cellulas é a agua do mar.

Ora, diz mr. René Quinton no seu livro — *A agua do mar meio organico*, pag. 459 — «si recordarmos a importancia, para uma cultura, do liquido em que ella se cultiva, verifica-se o papel da agua do mar na therapeutica, em todos os casos, em que o liquido de cultura das cellulas organicas, *meio vital* estiver viciado por uma causa qualquer — envenenamento chimico ou microbiano, insufficiencia de emunctorios, defeito de certas contribuições alimentares, etc.»

Sabe-se, na verdade, que, uma vez alterado o caldo de cultura de uma colonia celular, a vitalidade dellas diminúe e que, para lhes restituir a antiga vitalidade, basta renovar o caldo: a vida esmorecida readquire seu rythmo regular.

Mr. Quinton pensou, portanto, em intervir nas molestias, visto que são sempre acompanhadas de uma alteração, de um envenenamento do meio vital interior, pensou que, introduzindo agua do mar nos tecidos, renovando, em certa proporção, o liquido viciado de cultura das cellulas organicas, lhes restituiria a vitalidade perdida pela intoxicação, e poderia, assim, ~~auxiliar-as a~~ vencel-a.

Aqui o problema é, com effeito, menos simples, por ser possivel que a agua do mar, introduzida na intimidade dos tecidos, exaltasse, renovando o meio, não sómente as cellulas organicas, mas, tambem, as microbianas, factoras da molestia. Em todos os casos tratados — tuberculose, syphilis, gastro-enterite, erysipela, etc., não fôra vão esse receio. Comprovou-se sempre, em consequencia da injeccão d'agua do mar, um beneficio para o activo das cellulas do organismo e nunca ao activo das cellulas microbianas.

Mr. Quinton tentou o tratamento da tuberculose, sómente no ultimo periodo da molestia, quando a cura era impossivel, propondo-se não a curar, mas a verificar como o organismo tuberculizado reagiria sob a injeccção marinha, os effeitos favoraveis ou negativos dessa injeccção.

Elle procedeu por meio de injeccções, sub-cutaneas em forte dóse — 600 e 800 grs. para os adultos do pezo médio de 65 kilos. A agua do mar empregada fôra captada ao largo, longe de correntes fluviaes, de baixios, a dez metros de profundidade, e reduzida, pela addição d'agua distillada, á concentração salina do organismo, esterilizada em filtro, nunca no autoclave. Essas indicações são de maior importancia, porque a agua do mar colhida perto da costa, perto de um rio e esterilizada pela ebulição, é toxica. A' preparação do liquido da injeccção, devem presidir meticulosos cuidados.

A' injeccção de 600 e 800 grs., sobrevém uma reacção muito energica, com calefrios, choque de dentes, febre, inapetencia, insomnia. Mr. Quinton verificou que, quanto mais forte a reacção, maiores eram os beneficios da injeccção. A crise dura cêrca de doze horas, succedido por calma e um periodo de melhoras surprehendentes.

Este periodo dura cinco dias; no quinto dia se faz nova injeccção e, successivamente, outras de cinco em cinco dias; depois, de seis, de sete, de oito, conforme a duração dos beneficios obtidos.

— Na tuberculose pulmonar do terceiro gráu — diz mr. Quinton — o resultado foi negativo, como era de prever, mas precedido, em todos os casos, de um periodo de animação surprehendedora. O doente tomado em adynamia e fastío completos, com reflexo rotuliano quasi abolido, vomitos de todos os alimentos ingeridos, espectorção abundante, suores profusos, hyperesthesias sternaes, espinhaes, cruraes, metalgia, etc., se ergue desde os primeiros dias (segundo ou quarto); a tósse, os suores, a hyperesthesia, as dôres cedem ao mesmo tempo; a espectorção, de duas escarradeiras em vinte e quatro horas, cêe a um quarto e, algumas vezes, a um oitavo; o appetite, nullo ha um mez, reaparece de repente, permittindo trez e quatro refeições por dia, duas com pão, legumes; duas com carnes, fructas, sobremeza. Não ha mais vomitos. A morphina necessaria, dantes, para assegurar o somno, é supprimida dentro de trez dias. As noites são perfectas, tanto quanto permite o hospital. No fim de uma semana, o doente desce e sobe, sósipho, trez andares; permanece de pé quatro a seis horas. Nos casos mais favoraveis, o pezo au-

gmenta, as injeccções se espaçam, sem inconveniente, de oito dias. Esse periodo de restauração pôde durar cinco semanas e mais; depois disso a molestia readquire o seu curso.

*
* *

Proseguindo nos trabalhos de mr. Quinton, imaginei que a forte reacção consecutiva ás injeccções macissas, poderia ser evitada, com vantagem, com o emprego de dôses mais fracas. No tratamento dos meus doentes empreguei injeccções de 50 gr., apenas, renovadas de dois em dois dias, durante cêrca de trez ou quatro semanas, até que o total d'agua injectada equivallesse, quasi, ao centesimo do pezo do corpo do paciente. Assim injectei, em todo o decurso do tratamento, o que mr. Quinton, pelo seu methodo, injectava de uma só vez. A injeccção de 50 gr. prodúz, apenas, um ligeiro mal estar que, muita vez, não se manifesta; a temperatura sobe alguns decimos de gráu, depois cêe rapidamente; não ha calefrios; o doente entrega-se a suas occupações costumeiras sem outra perturbação, além de pequena dôr de cabeça, aliás inconstante. Em um unico caso, notei cephalgia tenaz.

As quatro observações completas, por mim relatadas na sessão de 25 de dezembro ultimo, na *Sociedade de Medicina de Pariz*, se referem a tuberculosos pulmonares, do segundo e terceiro gráu, com o bacillo de Koch perfectamente verificado nas espectorções de 24 horas, aquecidos com uma solução de potassa e centrifugados.

Essas observações constituem, apenas, uma primeira série, porque suprimi, methodicamente, as injeccções, quando attingiram o centesimo do pezo dos doentes, que pediam continuassem. Essas observações offerecem muito interesse, porque, não somente confirmam os resultados obtidos por mr. Quinton, como demonstram ser possivel obtê-las com menos despeza d'agua do mar, como evitando a crise febril, que este sabio considerava uma das necessidades do tratamento. Os meus doentes eram adultos de 28 a 51 annos. Vinham á consulta, no hospital, e sua posição social lhes permittia tratarem-se e se alimentarem soffrivelmente.

Resumirei em breves termos os resultados do tratamento. Geralmente, depois das primeiras injeccções, desappareciam os suôres nocturnos; na terceira, quinta ou setima injeccção, conforme os doentes, o appetite, antes precario, augmentou em proporções, ás vêzes, consideraveis; passaram completamente as insomnias; diminuiram a tósse e a espectorção; o doente somente tósse e escarra pela ma-

nhã; sente-lhe renascem as fôrças para o trabalho; experimenta uma sensação de bem-estar, que elle externa com animação, e mostra-se — alegre, cheio de animação, em contraste com o seu estado anterior; a auscultação revela, em fim, indiscutivel melhora das lezões pulmonares e o pezo augmenta.

Em todas as minhas observações, no fim do tratamento, os ruídos pleuraes e os estertores humidos, verificados á primeira auscultação, desappareceram completamente, ou diminuiram muito; o bacillo de Koch se apresenta sempre nas espectorções de 24 horas; em um caso, porém, o exame microscopico não revela mais, factio isolado que pôde provir de uma coincidência. O pezo, testemunha do balanço funcional e geral do organismo, augmenta na maioria dos casos, de 100, 700, até 1.000 grammas. Cada doente está muito satisfeito com o tratamento e pede que eu o continúe, tão evidentes são os seus effeitos.

Ulterior experiencia deverá dizer si esses effeitos pôdem ser prolongados pela renovação das injeccções ou si, ao contrario, como nas experiencias de mr. Quinton, a ultima dêve partir do agente pathogeneo, após um periodo mais ou menos longo. Ainda neste caso, o processo therapeutico será um dos mais favoraveis a empregar, porque, no estado actual da sciencia, nenhum outro apresenta, no seu activo, vantagens comparaveis. Como mr. Quinton, sómente tratámos fórmulas adeantadas da tuberculose. A experiencia seria para tentar nas fórmulas mais recentes, quando o organismo dispõe ainda de todos os seus recursos de resistencia á infecção.

Reflectindo bem, o successo da therapeutica marinha na tuberculose nada teria de anormal: são conhecidos os beneficios da habitação nas praias do mar para os tuberculosos; dahi a reputação de Arcachen e de toda a costa do Mediterraneo. Ninguem ignóra que o clima marinho, os banhos de mar são o tratamento especifico da antiga escrófula, da tuberculose ossea ou cutanea. A acção do mar sobre o bacillo de Koch, é manifesta; as curas obtidas nos sanatorios marinhos, chegam, ás vezes, ao prodigio.

Si, pelo tratamento Quinton se chegasse a obter uma acção accentuada sobre a evolução da tuberculose pulmonar, os resultados se alinhariam, por si mesmos, no quadro dos factos therapeuticos, já conhecidos; dar-lhesiam, simplesmente, a explicação de como vimos as descobertas de Pasteur explicarem o modo de acção da vaccina de Jenner, e, então, como sempre na medicina, a pratica precederia á theoria.